

Práticas Escolares de Leitura e de

Escrita:

o Relato Reflexivo
Pessoal de
Aprendizagem
(RRPA)

Josenildo Barbosa Freire



Práticas Escolares de Leitura e de Escrita:
o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem
(RRPA)

Josenildo Barbosa Freire

Práticas Escolares de Leitura e de Escrita:
o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem
(RRPA)

Copyright © Josenildo Barbosa Freire

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Josenildo Barbosa Freire

Práticas Escolares de Leitura e de Escrita: o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA). São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 97p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1777-2 [Impresso]

978-65-265-1778-9 [Digital]

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Texto. 4. Relato. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

A vida sem as letras é um paraíso perdido [...],
ler e escrever são indispensáveis para
participação na sociedade (Coulmas, 2014, p. 16).

Aos meus ex-alunos, aos meus colegas
professores e professoras e aos meus ex-
formadores (da Educação Infantil, do Ensino
Fundamental, do Ensino Médio, da
Graduação e da Pós-Graduação).

Sumário

Apresentação	11
Prefácio	15
<i>Luiz Félix Neto</i>	
1. Resignificando as noções de língua(gem)	19
2. Leitura e escrita como práticas sociais	25
3. Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem: o que é e para que serve?	31
4. Como ocorre a produção de um Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)?	37
5. Amostra de Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem	41
Algumas Conclusões	85
Posfácio	89
<i>Andréa Regina Bezerril Barros</i>	
Referências	93
Sobre o autor	97

Apresentação

A escrita assumiu o posto de destaque, sobretudo, nas sociedades urbanizadas, industrializadas, situadas em meios de mídias digitais e que reconhecem a plasticidade do cérebro humano. Essa realidade não pode passar despercebida pela escola, que deve oferecer condições didático-pedagógicas que assegurem aos seus alunos o seu desenvolvimento.

Por outro lado, a leitura também passou a receber um novo olhar, despertando uma nova abordagem de ensino-aprendizagem que a contemplasse como objeto de ensino no interior da escola. Desse modo, se faz necessário que as práticas de leitura e de escrita encontrem um espaço facilitador no contexto escolar, permitindo que os alunos se tornem sujeitos dessas atividades.

A presente obra está na esteira do que propomos em Freire (2019; 2024), respectivamente, *Questões de Leitura e de Escrita: Aspectos Introdutórios* e *O jornal escolar como prática de leitura e de escrita: relato de uma experiência de ensino-aprendizagem*. Nelas, a partir de uma perspectiva sociointeracionista de leitura e de escrita, procuramos, por um lado, refletir sobre a díade leitura-escrita, e por outro, oferecer um suporte didático-pedagógico para desenvolver essas práticas no contexto escolar, sobretudo, nos anos finais do Ensino Fundamental.

Os textos que compõem a amostra, os quais nomeamos como gêneros textuais/discursivos de Relato Reflexivo Pessoal (RRP) e Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA), surgiram da nossa própria prática escolar desenvolvida nesses mais de 25 anos de exercício de magistério. Sentíamos a necessidade da existência de um instrumento textual/discursivo que nos oferecesse algumas respostas e, ao mesmo tempo, permitisse aos alunos que retomassem reflexivamente o percurso de estudo vivenciado

durante um período escolar (como um bimestre, por exemplo) ou o trajeto dos anos finais do Ensino Fundamental. Desse modo, nasceram, respectivamente, o RRP e o RRPA.

Outra motivação que contribuiu na implementação das atividades textuais em torno das práticas de Relato Reflexivo Pessoal e Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem diz respeito ao princípio de assumir o aluno-autor como sujeito de seu próprio processo de aprendizagem escolar, de modo que ele pudesse perceber que, ao fazer usos das línguas(gens), ele passa necessariamente a ocupar um espaço – não um espaço linguístico, mas, sim, discursivo.

Assim, passamos a entender e a realizar leitura e escrita como práticas sociointeracionistas que permitem ao aluno-autor manusear o RRP e RRPA como instrumentos de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa que auxiliam no desenvolvimento das competências e habilidade de leitura e de escrita como preconiza a Base Nacional Comum Curriculares (BNCC) (Brasil, 2018).

O primeiro capítulo que compõe a obra versa sobre o tema da ressignificação das noções de língua(gem). Nele, retomamos, ampliamos e discutimos o que já tínhamos proposto em Freire (2019; 2024), voltando a assumir que as práticas de leitura e de escrita são bem mais desenvolvidas quando estão vinculadas à abordagem sociointeracionista.

No segundo capítulo, discutimos leitura e escrita como práticas sociais. Para tanto, assumimos que elas não são “dons” ou méritos de uns poucos escolhidos, mas que de fato tratam de processos históricos, culturais, cognitivos, dentre outros, que podem e devem ser desenvolvidas amplamente no contexto escolar.

No terceiro capítulo, apresentamos o que é o gênero textual/discursivo que denominamos de Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem, procurando responder duas perguntas: i) o que é? e ii) para que serve? Iremos perceber que o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem nasce a partir do Relato Reflexivo Pessoal.

Em seguida, no quarto capítulo, descrevemos como ocorre a produção de Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem como um instrumento de ensino-aprendizagem de leitura e de escrita no ambiente escolar. Assim, delineamos o percurso metodológico, via a utilização de uma sequência didática, da produção de RRPA.

Por fim, no quinto e último capítulo, apresentamos uma amostra de Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) de textos produzidos por alunos do 9º Ano, no ano de 2023, de uma escola da rede pública de ensino na qual desenvolvo minha função de professor de Língua Portuguesa.

Assim, espero que a presente obra contribua lançando ideias que permitam a permanente e necessária reflexão em volta da díade leitura-escrita e que também auxilie no desenvolvimento de experiências didático-pedagógicas que oportunize a formação de competentes leitores e escritores de textos variados de gêneros textuais/discursivos também diversos.

Verão de 2024.

Josenildo Barbosa Freire

Prefácio

Leitura e escrita: binômio de aprendizagem de práticas escolares

É preciso que a leitura seja um ato de amor.
(Paulo Freire).

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural a escrita cumpre diversas funções da existência. (Emília Ferreiro).

Percebemos ao longo da leitura de *Práticas Escolares de Leitura e de Escrita: o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)*, um projeto bem elaborado de ensino de leitura e escrita tendo por norte turmas concluintes do Ensino Fundamental. Este projeto é pautado numa dinâmica em que o aluno é o próprio autor da sua produção escrita. É claro que a obra tem toda uma projeção teórica que está muito evidente no arcabouço de autores citados.

Na medida que se vai lendo todo conteúdo da obra, observamos a clareza que o autor vai intensificando nos cinco capítulos presentes nesta obra. A ideia do ensino do binômio leitura e escrita é bem discutida e os argumentos, para comprovação da aprendizagem, tanto da leitura quanto da escrita, vão ficando muito nítidos na base conceitual do autor. É tanto que pela possibilidade desta minha fala, usei duas epígrafes para ilustrar.

A primeira epígrafe pertence a Paulo Freire e, é bem pertinente a este trabalho que põe a decodificação de signos linguísticos como um ato preciso. E esta decodificação para que realmente aconteça, “é preciso que a leitura seja um ato de amor”

(Freire). Sendo que este ato de amor contagie todo alunado. É isto que acontece nesta obra.

A segunda epígrafe que cito neste texto, ela faz referência que “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural” (Ferreiro). Ou seja, a escrita vai além da escola, sendo “um objeto cultural resultado do esforço coletivo da humanidade” (Ferreiro). Nesta perspectiva, percebemos o que diz Ferreiro em relação à escrita, que vai culminar com a produção escrita dos alunos presentes no quinto capítulo desta obra.

E neste ensino, a escrita vai cumprir sua diversidade, ou seja, retratar as diversas fases presentes em cada texto escrito pelos alunos. Voltemos ao que diz Ferreiro, a escrita não é unicamente um produto escolar, mas numa esfera mais abrangente, a escrita é um objeto cultural, ou seja, ela ultrapassa os limites da escola, sendo assim, resultado de um esforço coletivo humanitário; a escrita como objeto cultural cumpre diversas funções da existência humana. Assim, neste projeto da leitura e da escrita também cumpre seu papel importante seguindo o que Ferreiro nos remete a escrita como objeto cultural, nisto, percebemos na escrita dos alunos a transmissão de diversas funções da nossa existência. É isto que os alunos fazem em cada relato reflexivo pessoal da aprendizagem escrito. Pois os alunos assumem relatos coletivos e práticas culturais através da escrita, ou seja, o aluno produz seu próprio texto. Assim, retomo ao discurso das práticas escolares de leitura e de escrita em sala de aula citada no seio desta obra.

Observamos as reflexões citadas como epígrafes neste texto e fizemos os possíveis alinhamentos com a base de discussão desta obra. Agora, entendemos toda problemática em relação ao binômio leitura-escrita. E o ponto fundamental da obra, é saber da possibilidade que o aluno é o próprio produtor do seu conhecimento. Vejamos os 21 textos presentes neste livro como produção dos alunos baseados nos estudos teóricos presentes nesta obra. Tudo comprova a capacidade intelectualizada do aluno, ele como autor do seu próprio texto.

Portanto, a articulação de um trabalho tendo metas a serem cumpridas, e estas, sendo realizadas com méritos. Realmente, fica claro o belíssimo trabalho com os alunos do nono ano de uma referida escola. E quando o professor segue essas metas e organiza seu trabalho a partir destas, com certeza, o resultado terá êxito. Este seu trabalho é EXEMPLO.

Montanhas - RN, Primavera, 2024.

Professor Mestre Luiz Félix Neto

1. Ressignificando as noções de língua(gem)

Significar é a essência da língua(gem).

As noções de língua(gem) constituem fenômenos centrais para a prática pedagógica de qualquer professor em qualquer nível de ensino, visto que elas norteiam o seu fazer didático-pedagógico. Assim, compreender a base conceitual em torno das noções de língua(gem) torna-se, então, um caminho a ser percorrido não só pelo professor de línguas, mas a todos os que têm interesses pelas questões relacionadas com as definições de língua(gem).

Quando falamos de língua(gem), estamos nos referindo a um fato de base cognitiva que necessariamente está vinculado a um determinado conjunto de elementos de apoio sociocultural que se manifesta de diversas formas, como verbal, gestual, escrita, digital, dentre outras maneiras que a interação humana permite aos sujeitos de agir não linguística, mas discursivamente.

Há classicamente nos estudos linguísticos três concepções de língua(gem) que predominam nas teorizações propostas (Koch, 2003): i) língua(gem) como expressão do pensamento; ii) língua(gem) como instrumento de comunicação; e iii) língua(gem) como prática/interação, resultante do processo de práticas sociohistóricas do fazer humano. Essas abordagens constituem formas de guiar a prática pedagógica do professor: mesmo que inicialmente ele não tenha consciência desse processo, seu fazer é norteado por uma dessas concepções de língua(gem), implicando em escolhas didático-pedagógicas que irão ser vislumbradas no cotidiano da sala de aula.

Assim, as noções de leitura e de produção de texto; o conceito de texto; o trabalho com a gramática, com o léxico, com a ortografia, dentre outros componentes linguísticos, por exemplo,

vão depender exclusivamente da noção de língua(gem) adotada pelo professor regente da sala de aula. Nesse sentido, um professor que optar pelo trabalho com a noção de língua(gem) pautada no conceito de língua(gem) como expressão do pensamento tenderá a trabalhar a gramática a partir de uma perspectiva tradicional, privilegiando as regras ditas canônicas da língua(gem) em detrimento dos padrões sociolinguísticos existentes em uma dada comunidade de fala.

A classificação dessas três abordagens de língua(gem) está centrada em parâmetros que as diferenciam entre si. Ao se tratar de língua(gem) como expressão do pensamento, segue-se uma tradição de base greco-latina que está centrada no “eu” e em uma gramática de cunho predominantemente prescritivista. Além disso, a partir dessa abordagem, o autor é tratado como uma autoridade central, já que o “eu” fala/escreve/digita porque tem o saber para expressar conhecimentos e o texto, por sua vez, é compreendido como um produto acabado, pronto e disponível para consumo.

No que diz respeito à noção de língua(gem) como um instrumento de comunicação – que está relacionada a abordagens linguísticas de base estruturalistas, funcionalistas e gerativistas e assume uma perspectiva centrada no “tu” e em uma gramática de apoio descritiva –, há uma forte tendência em reconhecer o leitor como autoridade central, e o texto passa a visto como um produto de sentido único.

A noção de língua(gem) como prática interacionista, por sua vez, está vinculada no “nós”, sendo respaldada pelos estudos diversos da Linguística Textual, da Análise do Discurso, da Pragmática, da Análise da Conversação, das Teorias dos Funcionalismos, dentre outros, que reconhecem os usos sociais tanto da leitura quanto da escrita. Nesses modelos de língua(gem), os textos são compreendidos como processo de significados/sentidos, resultantes de processos dialógicos dos sujeitos ao agirem sociodiscursivamente.

Assim, podemos assumir que a língua(gem) é o nosso verdadeiro objeto de estudo e é sobre ele que nossa atenção precisa voltar-se para desenvolver práticas didático-pedagógicas que possibilitem aos alunos o pleno desenvolvimento de suas competências e habilidades de leitura e de escrita, tanto no espaço escolar quanto em outras situações sociocomunicativas.

Ao olhar para a abordagem da língua(gem) como uma prática sócio-histórica que está situada finalisticamente nas interações humanas, podemos perceber que o elemento pragmático fica evidente. Esse componente torna-se, então, mais um fato que justifica a adoção dessa perspectiva de língua(gem) na prática pedagógica, principalmente no fazer do professor de Língua Portuguesa.

Do mesmo modo que os textos, as palavras também produzem significados diferentes conforme forem os contextos de uso, as condições de produção, os interlocutores envolvidos, os objetivos estabelecidos, os registros linguísticos adotados, dentre outros elementos. E não poderia ser diferente: usamos as língua(gens) para produzir sentidos.

Para ilustrar, leiamos o conto “Pai não entende nada”, disposto no quadro 1,

Quadro 1 – Conto “Pai não entende nada”, de Luis Fernando Veríssimo

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">- Um biquíni novo?- É, pai.- Você comprou um no ano passado!- Não serve mais, pai. Eu cresci.- Como não serve? No ano passado você tinha 14 anos, este ano tem 15. Não cresceu tanto assim.- Não serve, pai.- Está bem, está bem. Toma o dinheiro. Compra um biquíni maior.- Maior não, pai. Menor.- Aquele pai, também, não entendia nada. |
|---|

Fonte: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2020/06>.

Acesso em: 14 nov. 2024.

Observamos no conto em tela que mesmo usando as mesmas expressões linguísticas, os sentidos são diferentes para os dois personagens envolvidos na narrativa. É só um pequeno exemplo para ilustrar como, nas nossas interações, fazemos uso da língua(gens) para produzir significados diferentes.

Assim, ao trabalhar no contexto escolar, especialmente as formas de língua(gens) existentes e variadas, devemos enxergar sujeitos sóciohistóricos que se constroem no processo de ler e de escrever/digitar. Nossas ações didático-pedagógicas são atos orientados para um determinado fim, portanto, intencional sociodiscursivamente. Nesse sentido, ao falar de práticas de leitura e de escrita, há uma harmonia entre texto-autor-leitor e não uma relação de soberania. Isso ocorre quando, maiormente, adotamos a perspectiva de língua(gens) como uma atividade interativa. Em vista disso, nessa esteira teórico-metodológica em torno das noções de língua(gens), voltamos a insistir que a visão dialógica da língua(gens) é a que melhor possibilita o desenvolvimento e a ampliação das práticas de leitura e de escrita do contexto em detrimento das abordagens de língua(gens) como expressão do pensamento ou instrumento de comunicação.

Esse aspecto dialógico já está contemplado em parte dos documentos oficiais do Governo que norteiam o ensino. Desde os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) (Brasil, 1997; 1998) até a BNCC (Brasil, 2018), vemos que esse modelo de língua(gens) tem sido privilegiado nas discussões realizadas. Há um amparo legal que autoriza ao professor o pleno trabalho com as abordagens de língua(gens) vinculadas às noções de práticas interacionistas.

Vejamos o que a BNCC (Brasil, 2018, p. 89) orienta ao estabelecer as Competências Específicas 1, 2 e 3 para o ensino de Língua Portuguesa:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso,

reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

Em vista do exposto, é possível afirmar que a abordagem de língua(gem) como um fato social, ao se trabalhar com as práticas de leitura e de escrita no contexto escolar, permite que de fato o gênero textual/discursivo seja compreendido como uma atividade discursiva, evidenciando a relação existente entre texto-discurso. Dito de outro modo, destacamos que, nessa relação, há um processo de interlocução entre texto-autor-leitor.

Entendemos que a prática de leitura e de escrita em torno do Relato Reflexivo de Aprendizagem constitui uma das formas privilegiadas de experiência didático-pedagógica, visto que assume a noção de língua(gem) como uma atividade interacional e que auxilia no desenvolvimento de competência e de habilidade de ler e de escrever não só para o contexto escolar, mas além desse contexto.

As reflexões e teorizações sobre a língua(gem) que aqui retomamos não devem desembocar em uma polarização restrita entre uma concepção formal e uma concepção funcional de língua(gem). Diante disso, acreditamos que o trabalho com a leitura e com a escrita, sobretudo no ambiente educacional, torna-se mais produtivo e eficiente quando se adota uma perspectiva de língua(gem) que vai além de um sistema operacional encerrado em si mesmo, como conceber língua(gem) apenas como meio de pensamento. É preciso, portanto, abarcar a pluralidade de usos

sociais que emergem das interações sociodiscursivas em que os sujeitos estão inseridos.

Assim, concordamos com Bagno (2023, p. 01, grifo do autor) quando este afirma que “A **linguagem** é marca registrada, o selo de exclusividade, o traço distintivo da espécie humana [...]”. E podemos, acertadamente, acrescentar: é nosso objeto de estudo, sobre o qual deve voltar nosso fazer docente, visto que é por meio da língua(gem) que produzimos sentidos e nos utilizamos de um sistema de signos para interagir com fins determinados previamente, ou seja, finalisticamente.

As práticas de leitura e de escrita, portanto, podem seguir um modelo assumido pelo professor regente da sala de aula que demonstrará uma postura didático-pedagógica da atuação desse professor, de modo que se poderá evidenciar uma relação direta entre o ensino de leitura e de produção de textos ou de Língua Portuguesa, de modo geral, e a abordagem de a língua(gem) assumida pelo professor.

A produção de Relato Reflexivo de Pessoal de Aprendizagem (RRPA) está diretamente ligada ao propõem Luna *et al.* (2024, p. 34), quando destacam que é “[...] preciso criar práticas escolares que deem ao estudante a oportunidade de contato com informações e dados relacionados ao assunto a ser abordado”. Assim, não faz sentido produzir a escrita por si mesma, mas, pelo contrário, ela deve se tornar um instrumento eficaz de ação sobre o mundo e no mundo.

Desse modo, entendemos que a produção de RRPA é um modelo efetivo para o desenvolvimento das competências e das habilidades de leitura e de escrita no contexto escolar e, ao mesmo tempo, evidenciando que seu processo de produção constitui uma forma de olhar para língua(gem) como atividade funcional, internacional e discursiva. Esse olhar sobre a ressignificação das noções de língua(gem) leva-nos a refletir sobre as atividades de leitura e de escrita como práticas sociais de uso desse modelo linguístico, o qual discutiremos no capítulo seguinte.

2. Leitura e escrita como práticas sociais

A língua na modalidade escrita é parte do comportamento comunicativo diário de todas as pessoas (Coulmas, 2014, p. 16).

Além da concepção de língua(agem) que assumimos neste trabalho, a qual foi discutida no capítulo anterior, admitimos que as práticas de leitura e de escrita não constituem “dons” ou privilégios de uns poucos sujeitos divinamente predestinados. Assim, ao falarmos de leitura e de escrita, sobretudo no contexto escolar, estamos falando de um processo ou de práticas de interfaces que contribuem para a formação do leitor proficiente.

Neste sentido, ressaltamos o papel central da interação no desenvolvimento das competências e de habilidades de leitura e de escrita no percurso vivenciado pelo aluno-autor durante a Educação Básica, sobretudo.

As atividades de leitura e de escrita devem auxiliar os egressos nos diversos níveis de escolaridade, todavia considerando a grua de complexidade envolvido em cada nível de ensino, a desenvolver as competências discursivo-textuais, considerando o texto como unidade básica de ensino-aprendizagem, tomando a gramática em função da atividade verbal e alargando na caracterização discurso-funcionais dos gêneros textuais/discursivos.

Esse é um grande desafio imposto social e historicamente ao trabalho do professor ao realizar as atividades de leitura e de escrita. Não se constitui uma tarefa fácil de ser realizada, pois esta requer uma reorganização teórico-metodológica de exercício do magistério. Há problemas políticos, históricos, estruturais, cognitivos, dentre outros, que impedem de se realizar

efetivamente um trabalho digno de leitura e de escrita que visem a plena formação de leitores e de produtores de textos variados.

No interior dos estudos linguísticos há uma literatura vasta voltada para as definições em torno da díade leitura-escrita, por isso não é nosso objetivo retomar essas noções, mas a partir de algumas (ou parte delas) evidenciar que as atividades de leitura e de escrita são na verdade práticas sociais ou atividades sociointeracionistas, que necessariamente compreendem aspectos e dimensões históricas, culturais, cognitivas e contextuais do fazer humano ao realizar leitura e escrita.

Leitura e escrita, nos termos do Parâmetro Curricular de Língua Portuguesa (Brasil, 1998), são compreendidas como processo ou trabalho ativo realizado pelo aluno-autor; Cafieiro (2005), estabelece que se trata de um processo de atribuição de sentidos; Kleimam (2009), defende que são práticas cognitivas e sociais; por sua vez, Solé (1998) propõe que são atividades que demandam estratégias realizadas antes, durante e depois do processo, por exemplo.

Assim, seguindo a abordagem de língua(gem) que aqui estamos vinculados, ao continuar a nossa listagem de referências, duas consequências teremos: i) essa listagem é infinita; e ii) as alusões apontadas indicam que as práticas de leitura e de escrita são processos de atribuição de sentidos. Em vista disso, entendemos que a expressão “atribuição de sentidos” confere a essas práticas o significado social e a função que elas tanto desempenham nas nossas sociedades urbanizadas, industrializadas, situadas em meio a mídias digitais quanto reconhecem a plasticidade do cérebro humano.

Esse novo olhar sobre as práticas de leitura e de escrita permite que a escola (re)organize seu trabalho pedagógico, adotando uma abordagem de ensino-aprendizagem que se distancie de atividades mecânicas, tradicionais e com pouco significado relacionadas aos atos de ler e de escrever, tais como exercícios de memorização, procura de resposta, preenchimento

de fichas de leitura, foco apenas no livro didático e na literatura clássica, dentre outras.

As sociedades já são outras e requerem também outras formas de se fazer leitura e escrita; as tecnologias também são outras; os alunos-autores também são outros, com necessidades diferentes dos de séculos passados. Isso significa que as atividades em torno de leitura e de escrita necessariamente exigem novos mecanismos de operacionalização. Assim, abordagens que concebem língua(gem) como prática adquirida em usos sociais constituem um caminho didático-pedagógico a ser percorrido pelo professor.

Para o contexto escolar, nesse sentido, a produção de Relato Reflexivo de Pessoal de Aprendizagem (RRPA) se constitui um instrumento textual-discursivo que permite a realização de leitura e de escrita como processos de atribuição de sentidos, permitindo, por um lado, à escola, de forma prática, a operacionalização dessas atividades interacionistas e, por outro, a compreensão que tanto a leitura quanto a escrita são construções ativas que auxiliam na formação do leitor proficiente e, conseqüentemente, na formação do cidadão ativo na sociedade.

Diante disso, asseguramos que há a necessidade de superar a visão insuficiente de leitura e de escrita que ainda predomina em alguns estabelecimentos de ensino e na prática de alguns professores. Essa superação requer formação contínua do professor de Língua Portuguesa, que o levará a distanciar-se atividades mecânicas ou centradas em uma “pedagogia do sacrifício” (Martins, 1982, p. 23), ou cultura do silêncio como ainda o oportunizará a implementar novas atividades de leitura e de escrita como práticas de constituição de sujeitos que agem sociodiscursivamente via língua(gem).

Nos termos de Bortone e Martins (2008, p. 11), “[...] a leitura [...] como um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção do significado do texto, a partir do conhecimento de mundo, dos conhecimentos linguísticos, da intencionalidade do autor...”. Essa abordagem de leitura precisa ecoar no interior das

práticas de ensino-aprendizagem de nossas escolas e fazer parte das atividades rotineiras do professor de língua portuguesa e de disciplinas afins.

Retomemos o que dizem o Parâmetro Curricular de Língua Portuguesa (Brasil, 1998) e a BNCC (Brasil, 2018). Para o PCN, a leitura e a escrita são

[...] o **processo** no qual o leitor realiza um **trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto**, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de **uma atividade que implica estratégias** de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (Brasil, 1998, p. 69-70, grifos nossos).

Para a BNCC (2018, p. 72), a leitura

[...] é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.

Assim, de modo geral, podemos, a partir do que resenhamos aqui e dos apontamentos dos documentos oficiais do governo, reconhecer que a construção da leitura e da escrita se deve a um processo sociointeracional realizado finalisticamente pelo aluno-autor mediante ações didático-pedagógicas produzidas para alcançar esse fim. Dessa forma, concordamos com o que Luna *et al.* (2024, p. 31) afirmam: “[..] a escrita de um texto é um ato de linguagem por meio do qual a interação se realiza. Isso implica a escrita de um “eu” destinada a um “tu”, que compartilham um (ou mais de um) objetivo comunicativo”.

Essa reflexão nos leva a pensar, então, acerca de alguns aspectos da aceitabilidade na produção textual, o que se

“Constitui também um esforço de cooperação, no que resulta, para a atividade verbal, a existência de uma cooperação mútua, ‘um contrato’ ou uma via de duas mãos, cujo efeito maior é a comunhão de sentido e intenções” (Antunes, 2009, p. 79). Fica evidente, portanto, que as práticas pedagógicas devem insistir em atividades, que num processo de cooperação entre os sujeitos envolvidos, permitam a produção de rotinas não mecânicas de leitura e de escrita, mas padrões significativos dos usos dessas habilidades e competências.

No bojo da discussão que aqui empreendemos, constatamos que não há mais espaço na escola para modelos de leitura e de escrita estagnados, pautados apenas na perspectiva ascendente (alfabetização/decodificação) ou na abordagem descendente (considerando apenas o conhecimento do leitor). Há lugar para perspectivas discursivas que assumam leitura e escrita como processos de significação ou, ainda, como uma atividade interdisciplinar e múltipla.

Essa prática envolvendo leitura e escrita de forma ampliada requer operacionalização didático-pedagógica por meio de um dado gênero textual/discursivo que possa circular socialmente no ambiente escolar, por exemplo. A produção de Relato Reflexivo de Pessoal de Aprendizagem (RRPA) atende a proposta de que o texto precisa circular socialmente porque cumpre uma determinada função social e escolar, como dever ocorrer com todo e qualquer texto.

Nesse sentido, compreendemos que uma via alternativa para esse trabalho é compreender o que é o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA), que descreveremos no capítulo seguinte.

3. Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem: o que é e para que serve?

o gênero é a categoria que efetivamente nos permite passar do discurso ao texto sem que persista uma dicotomia entre ambos, por um lado, e sem que o gênero se reduza a um ou a outro (Bezerra, 2017, p. 45-46).

A partir do que delineamos nos dois capítulos anteriores, assumimos que o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) se constitui como um gênero textual/discursivo, portanto, é composto de elementos estruturais (internos) como aqueles relacionados aos componentes gramaticais da Língua Portuguesa, tais como o uso de pronomes de primeira pessoa, a marcação de tempo, de modo e de flexões verbais específicas, dentre outros. Além disso, esse gênero porta¹ (ou visa construir) determinados sentidos que são construídos entre os sujeitos envolvidos na sua produção, circulação e recepção.

Dolz e Schneuwly (2004, p. 43) fundamentam a nossa análise sobre o RRPA, pois afirmam que os gêneros textuais/discursivos são “[...] práticas de linguagens historicamente construídos”, o que corresponde às estruturas das línguas que atendem às funções sociocomunicativas dos falantes.

Essa discussão em torno do RRPA, até onde constatamos, é uma prática pioneira que inauguramos aos longos desses mais de 25 anos de sala de aula, tomando como base os conhecimentos de diversos campos da Linguística, por exemplo. Cunhamos esse gênero textual/discursivo como forma de estimular o gosto pela

¹ Até onde pesquisamos, não há, na literatura específica da área, produções que defendem o que propomos aqui a partir da análise dos relatos produzidos por nossos alunos, sobretudo no que definimos e nomeamos como RRPA.

escrita e pela leitura, uma vez que entendemos que todo o processo que orbita o RRPA permite que os alunos compreendam que tanto escrita como leitura são práticas sociais.

Paiva (2019), ao tratar dessa temática, assume que os gêneros textuais/discursivos são, na verdade, fenômenos de linguagem – posicionamento com o qual concordamos. A perspectiva da autora permite que se enxergue o texto considerando as dimensões estruturais da materialidade textual, mas também quem disse, para que disse, como disse, por que disse, o que retomou, o que defendeu ou se opôs, por exemplo. Assim, a visão integrada de gêneros textuais/discursivos como formas ou entidades semióticas do dizer dos sujeitos deve nortear o fazer pedagógico dos professores.

Desse modo, ao trabalhar com o RRPA, devemos, necessariamente, assumir a abordagem de língua(gem) que articula texto-discurso-gênero textual, nos aproximando não apenas dos aspectos textuais, mas considerando as dimensões contextuais da produção, da circulação e da recepção dos mais variados textos.

Essa discussão em torno de gênero textual/discursivo também nos leva a refletir acerca do que Antunes (2010, p. 30, grifos da autora) afirma: “[...] não andamos por aí esbarrando em *não textos*. Por mais que esteja fora dos padrões considerados cultos, eruditos ou edificantes, o que falamos ou escrevemos, em situações de comunicação são *sempre textos*”. Nesse sentido, entendemos que a produção do RRPA constitui uma forma linguística de dizer ao outro, de ocupar espaço sociodiscursivamente utilizando-se da leitura e da escrita como práticas sociais.

Outra ideia que subjaz a produção, a circulação e a recepção do RRPA está relacionada com a maneira como o aluno-autor ocupa o espaço via o uso de língua(gens) para escrever, falar, avaliar-se e avaliar outros, propor, discordar, apontar metas, dentre outras possibilidades sociodiscursivas que esse gênero textual/discursivo tem permitido.

Nesse sentido, concordamos com Dell'Isola (2007, p. 17) sobre o fato de que “Gêneros textuais (doravante, GTs) são práticas sócio-históricas que se constituem como ações para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”. Assim, ao produzir Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem, o aluno-autor não apenas realiza uma atividade mecânica de escrita, mas produz sentidos a partir do que materializa acerca do contexto escolar, da sua vivência de aprendizagem, dentre outros aspectos, visto que “[...] quando alguém tem que agir discursivamente deve instrumentalizar-se com um conjunto de ferramentas. Essas ferramentas são os gêneros” (Dell'Isola, 2007, p. 23).

A perspectiva de trabalho que realizamos com o RRPA está na linha de que se deve focalizar os gêneros textuais/discursivos no ensino. Desse modo, retomamos o que Dell'Isola (2007, p. 25) propõe:

[...] No ensino, devem ser desenvolvidos recursos para uma melhor compreensão dos aspectos cognitivos e esquemático que contribuem para que um determinado discurso aconteça. Os professores devem promover oportunidades para um aprendizado igualitário com vista a vários letramentos que levam os aprendizes a compreensões de como funcionam os textos nas sociedades.

Na verdade, entendemos que o trabalho com a escrita no contexto escolar não é uma atividade que deve ficar circunscrita a esse ambiente, mas deve ser um treino, uma espécie de estratégia que permite ao aluno-autor perceber como, em um contexto ampliado, que é a sociedade, que funções sociocomunicativas as práticas de leitura e de escrita desempenham.

Essa discussão está ainda alinhada ao que propõe Antunes (2017, p. 135, grifos da autora): “[...] se toda ação verbal só ocorre sob a forma de algum gênero de texto, então *trabalhar em sala de aula com textos é, necessariamente, trabalhar com gêneros textuais*”. Em vista disso, é possível afirmar que o trabalho com o RRPA é um

instrumento linguístico que vai nessa direção de articular o ensino de língua(gem) com a atividade textual/discursiva.

Assim, ao propor um modo de produção de texto como o RRPA no espaço escolar, estamos tentando “[...] propor atividades de escrita que favoreçam o entendimento de conexões dos textos com o mundo real [...] focalizando, em primeiro lugar, os propósitos comunicativos e, deixando em segundo plano, os aspectos linguísticos [...]” (Dell’Isola, 2007, p. 28-29).

Para Bezerra (2017), a noção de gêneros deve ser operacionalizada no mundo real do discurso, ou seja, pela atividade de confrontação dos gêneros entre si. Essa prática gera diferentes categorizações dos gêneros ao serem relacionados, as quais revelam que estes correspondem a entidades complexas e dinâmicas do mundo do discurso, assim como é o mundo real.

Desse modo, ressaltamos que a produção do Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem alcança esse objetivo, pois ele é produzido não para ganhar uma nota ou cumprir um simples protocolo de atividade textual/discursiva, mas se vai além. O aluno-autor ocupa a função de autor como sujeito de um processo de interação que o auxiliará no desenvolvimento de competências e de habilidades de leitura e de escrita.

Essa abordagem textual/discursiva em torno do RRPA permite, assim, que o aluno-autor escreva um determinado texto tratando de uma temática específica e o reescreva, fazendo com que nele estejam impressos aspectos de textualidade (como coesão e coerência textuais, por exemplo); compreenda as condições de produção, de circulação e de recepção de um texto, que não corresponde a um amontoado de frases, parágrafos; perceba que ele pode ser um sujeito que se apresenta na própria materialidade sociodiscursiva do texto produzido; utilize-se do espaço escolar para apresentar e discutir esse texto; reconheça que há interlocutores envolvidos nesse processo de (re)escrita além do professor, como a comunidade escolar que terá acesso ao seu texto; dentre outras dimensões, que justificam a produção de um(RRPA) como um objeto de ensino-aprendizagem.

O foco da nossa proposta de leitura e de produção de texto está em sintonia com o que Bakhtin (2003[1979]) explica. Para esse estudioso,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pelas especificidades de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (Bakhtin, 2003 [1979], p. 261).

Desse modo, a noção de gênero do discurso está ligada a enunciados relativamente estáveis produzidos a partir de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística. Essa noção ainda reflete a própria instabilidade humana que cria novos *tipos relativamente estáveis* conforme as necessidades expressivas e comunicativas dos sujeitos.

A produção de Relato Reflexivo de Pessoal de Aprendizagem (RRPA) nos leva a admitir o que propõe Antunes (2009, p. 76) porque “constitui também um esforço de cooperação, no que resulta, para a atividade verbal, a existência de uma cooperação mútua, “um contrato” ou uma via de duas mãos, cujo efeito maior é a comunhão de sentido e intenções”. Desse modo, as práticas de leitura e de escrita não podem ser prescindidas do fazer pedagógico que está comprometido com o desenvolvimento das competências e das habilidades de leitura e de escrita como

formas de ação social em diferente e diversos segmentos da nossa sociedade.

Por fim, a produção de RRPA se constitui como uma das formas de *tipos relativamente estáveis* da interação humana e pode ser um objeto de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Para isso, se faz necessário a proposição de um caminho didático-pedagógico para que esse processo seja produtivo, o que discutiremos no capítulo seguinte.

4. Como ocorre a produção de um Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)?

A atividade pedagógica de produção textual deve ser uma prática recorrente no fazer da sala de aula, envolvendo a produção, a organização e a publicação de gêneros textuais/discursivos diversos: como o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) (Freire, 2024).

A produção, a circulação e a recepção de um Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA), segundo a nossa abordagem de trabalho, segue o modelo de uma sequência didática. A sequência didática consiste em “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 82), e que tem como finalidade “[...] ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 82).

Ainda de acordo com os autores mencionados, a estrutura de base de uma sequência didática é composta pelas seguintes etapas:

- Apresentação da situação: exposição do projeto de comunicação (apresentação de um gênero oral ou escrito, os conteúdos);
- Produção inicial: primeira produção textual;
- Módulos: trabalhar os problemas identificados e solucioná-los (oficinas); e,
- Produção final: versão final do texto produzido.

Nossa experiência em sala de aula tem demonstrado que a utilização de uma sequência didática constitui um eficiente

modelo didático-pedagógico na tarefa de levar o aluno-autor a ocupar o espaço textual/discursivo durante a produção de um RRPA, distanciando-se, assim, de práticas mecânicas, arcaicas e improdutivas que ainda podem ser verificadas no ambiente escolar.

Antes de detalharmos os aspectos metodológicos da produção, da circulação e da recepção de um RRPA, é importante informar ao leitor que esse gênero textual/discursivo surgiu de um outro texto que também praticamos em nossas aulas: o Relato Reflexivo Pessoal (RRP), o qual será objeto em uma outra publicação.

O Relato Reflexivo Pessoal (RRP) é um texto produzido com maior frequência do que o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA). Aquele, é sempre produzido no início de cada ano letivo e de cada bimestre escolar; este, é produzido no final do ano letivo, apenas por alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental.

Assim, seguindo os passos da sequência didática que adotamos, a primeira etapa da produção de um RRPA é um protocolo que é fornecido ao aluno-autor, o qual reproduzimos no quadro 2.

Quadro 2 – Protocolo da produção de um Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)

<p>Protocolo: Atividade de produção textual</p> <p>Gênero textual/discursivo: Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)</p> <p>Tipo textual: descritivo-argumentativo</p> <p>Assunto: experiência escolar vivenciado durante os anos finais do Ensino Fundamental II</p> <p>Estamos encerrando o ano letivo de _____. E você também está concluindo o Ensino Fundamental. Porém, vamos antes escrever um Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA). Nos bimestres anteriores, você já produziu alguns Relatos Reflexivos Pessoais (RRP). O seu texto abordará toda a sua experiência vivenciada do 6º Ano ao 9º</p>

Ano do Ensino Fundamental.

Sugestão: o relato poderá conter 5 longos parágrafos. Em cada parágrafo, você escreverá sobre um tópico frasal: do 1º ao 4º parágrafo relate como foi cada ano de estudo, detalhando e descrevendo o lugar, o turno, a comunidade escolar, o que o mais marcou, o que aprendeu, seus medos, por exemplo; já no último parágrafo, estabeleça suas metas para o Ensino Médio, seus sonhos, seus anseios, avalie sua escola e seu professor, dentre outros.

Após escrever seu texto, dê um título bem expressivo a ele e assine-o como autor(a).

Logo em seguida, deixe seu Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) de “molho” por algum período de tempo.

Passado esse momento, retome seu Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) e:

- Leia-o em voz alta para você mesmo ou peça para alguém ler para você e, responda: está uma unidade de sentido ou apenas um conjunto de frases/parágrafos?
- Faça alterações se necessárias, trocando palavras, expressões linguísticas, dentre outras, aumentando ou diminuindo as frases, que deixam seu texto sem expressão comunicativa.
- Retome o título do seu texto: ele dá conta do que foi relatado? Senão, Retitule seu texto ou expando-o com um subtítulo, por exemplo.
- Os parágrafos estão coesos e coerentes, ou seja, dizem o que é para si dizer e da forma esperada para esse texto?
- Verifique se seu texto está de acordo com a ortografia padrão da Língua Portuguesa e os aspectos da concordância verbo-nominal estão adequados com a situação de produção.
- Digite seu texto, anexe uma fotografia sua de perfil a ele e entregue-o na data marcada pelo professor.
- Apresente seu Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) para a turma indicada pelo professor.

Lembre-se de que seu Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) será publicado no Jornal Mural da nossa escola na semana seguinte à apresentação.

Vamos escrever!

Fonte: elaboração própria (2024).

Esse é o percurso didático-pedagógico que utilizamos para a produção, a circulação e a recepção de um Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA). Assim, ao propormos a atividade de produção textual em torno do RRPA, assumimos o que destacam Cavalcante e Soares (2024, p. 83):

[...] o ensino de português deveria tomar o texto não apenas como um produto que continha estruturas linguísticas a serem descritas e exercitadas, mas como uma unidade comunicativa que se acomodava às práticas discursivas dos gêneros e que condicionava os usos gramaticais e lexicais.

No capítulo seguinte, apresentamos uma amostra de Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) que produzimos e organizamos.

5. Amostra de Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)

Há a necessidade de reconhecer pertinência da noção de gêneros discursivos como formas de produção sócio-históricas para fazer a língua funcionar. No nosso caso, os alunos se apropriam da língua para pô-la em funcionamento por meio da produção de uma entidade sociodiscursiva específica: Relatos Reflexivos Pessoal de Aprendizagem (RRPA) acerca de sua própria aprendizagem (Freire, no prelo).

RRPA 1²:

Trajatória do meu ano de aprendizagem

No sexto ano entrei na escola José Targino e estudei normalmente por cerca de um mês; como veio a pandemia do coronavírus ou como conhecemos, logo começou o covid-19, paramos as aulas, pensando que voltaríamos depois de 15 dias. Esses 15 dias viraram meses até que um ano se passou no meio de percurso. Nesses meses, começamos a estudar através dos livros didáticos e atividades que procurávamos e deixávamos na

² Optamos em reproduzir os RRPA basicamente como foram produzidos pelos alunos-autores, que privilegiam o estilo informal em detrimento do estilo formal clássico. Portanto, os RRPA apresentam uma escrita de alunos do 9º Ano. Desse modo, será possível visualizar nesses textos expressões linguísticas, lexicais próprias, gírias etc. típicas de alunos desse nível escolar. Outrossim, fenômenos variáveis, como para ~ pra, há ~ tem, dentre outros, podem estar nos textos em discussão; ou ainda, de alternância de emprego de regência como no ~ do, por exemplo.

escola. Foi assim que passei o sexto ano no meio de uma pandemia e do caos.

Sétimo ano foi onde iniciei as aulas online, usávamos ferramentas de estudo como Google Meet e Google Classroom, usávamos o Google Meet para vídeo aulas e o Google Classroom para os professores enviarem atividades. Assim, no final do ano, iniciamos aulas híbridas, onde as aulas eram divididas entre aulas presenciais e aula online. A sala era dividida entre dois grupos: o grupo 1 ia para as aulas presenciais e o grupo 2 ficava em casa tendo aulas online; depois o grupo 1 teve aulas online na próxima semana e o grupo 2 teve aulas presenciais e continuou até o final do ano.

Na oitava série, eu estava animado para voltar às aulas porque finalmente veria meus colegas e amigos, que devido à pandemia, cada um estava na sua casa; o uso de máscara era obrigatório nas salas de aula, mas a gravidade da pandemia diminuiu e assim os alunos deixaram gradativamente de usar máscaras até que a turma começou a se reunir e a recriar uma amizade que se tornaram distantes devido à pandemia. Na casa deles, então não podíamos ir. No oitavo ano, passei por uma fase difícil, mas voltaria e faria tudo de novo se fosse preciso.

No ano de 2023, estou concluindo o ensino fundamental, pois estou no nono ano; esse ano vem sendo um ano de aprendizagem e estudo, pois venho querendo entrar no Instituto Federal do RN nesse ano. Aprendi muita coisa e aconteceu muita coisa; conheci amigos novos. Que bom! Agora que estou terminando o nono ano tenho certeza de que estou carregando o conhecimento e aprendizagem para o resto da minha vida com os aprendizados do professor Josenildo e de vários outros professores.

Minhas metas para o futuro de agora são passar com sucesso no IFRN para concluir meus anos de estudo e ingressar em uma faculdade boa; eu avalio minha escola como ótima; professores excelentes e estudantes bons e funcionários excepcionais.

Autora: Laura

RRPA 2:

Minhas aprendizagens no José Targino desde o sexto ano até o nono ano: de 2020 a 2023!

Nesse relato eu vou descrever como foi a minha aprendizagem desde o sexto ano até o nono ano. Minhas experiências quando comecei a estudar no sexto ano do José Targino foram um bom começo, porque além de fazermos novos amigos e estudar com os que já conhecíamos, também, foi bom porque tínhamos recebido o mérito de melhor turma da escola, mas também muito bom nesse primeiro ano de estudo no José Targino foi conhecer os professores, os professores mestres e mestres doutores e doutoras; isso era uma vantagem para nossa aprendizagem; a partir dos dois meses de aula começou a pandemia no Brasil; as aulas pararam de ser presenciais; foi a partir daí então que começou o uso das apostilas escolares com as atividades de cada matéria; não fizemos prova porque a escola tinha que passar todos os alunos de ano.

Já no sétimo ano, a escola elaborou uma ideia para as aulas serem remotas todos os dias de manhã; já no mês de outubro foi dividido a sala em A e B; uma semana ia o grupo A e, na outra semana, o grupo B e mais uma vez a escola passou todos os alunos de ano.

No oitavo ano, as aulas voltaram a ser presenciais; tivemos o reencontro com os amigos; matamos todas as vontades de conversar e bagunçar e tudo, alguns foram para outros turnos ou para outras escolas, mas continuamos amigos e nos vimos ainda e conversamos; fizemos novos amigos legais; outros não eram legais, tivemos os jogos escolares na quadra, foi muito bom, nós tivemos muitos gritos, fizemos grito de torcida, jogamos, perdemos; outras salas ganharam, foi muito bom a experiência dos jogos escolares, houve também troca de professores e mais uma vez todos os alunos passaram de ano.

No último ano continuamos com os professores mestres e doutores, esse último ano está sendo muito especial para mim,

aprendi muitas coisas nesses quatro anos que estudei aqui nessa escola e os professores que conheci e não tenho nada a falar sobre eles. Obrigado por compartilhar os seus conhecimentos para nós. Vocês são especiais para mim e para todos os alunos da escola.

Sentirei saudades de cada momento que passei junto com os meus amigos nessa escola. Fico grato em conhecer cada um.

Estabeleço como metas para o futuro que eu assumo a profissão que tanto quero, e que eu me aprofunde cada vez mais nos estudos.

Avalio a escola como boa. Porém, existem e tem muitas coisas quebradas que podiam ajeitar e melhorar. Avalio os professores como excelentes, só alguns; mas nem todos, já os que acham excelentes são os professores que sabem e fazem o que sabem com muito carinho obrigado a todos.

Avalio meus colegas como maravilhosos os que sou mais próximo vocês foram grandes amigos e amigas; os outros que não tenho muita proximidade tanto faz, não vai fazer diferença.

Avalio os funcionários como os bons, porque são esforçados no que fazem tem uns que se acham dono da escola e dos alunos.

Por fim, sentirei saudades de todos os momentos que vivi nessa escola juntos com os meus amigos; sentirei saudades de cada momento de alegria.

Autor: João Guilherme Melquiades

RRPA 3:

Meu Ensino Fundamental II

Olá, me chamo Emily Vitória, estudo na Escola José Targino, em Pedro Velho RN.

Neste texto vou tratar como está sendo o meu ensino fundamental na escola José Targino.

No ano de 2020, me matriculei na escola José Targino para cursar o sexto ano do Ensino Fundamental, passamos apenas um mês estudando, pois logo após veio a pandemia parando tudo; o que era para ser apenas 15 dias se tornaram um ano e meio; para os alunos não ficarem sem estudar, a secretaria de educação resolveu enviar atividades pelas apostilas.

No ano de 2021, passei a cursar o sétimo ano; como eu disse antes as aulas ainda eram pelas apostilas, porém por conta da pandemia ter continuado, no meio desse ano, começamos a estudar online não obrigatoriamente; quem tinha celular fazia pelo celular, quem não tinha continuava com as apostilas, no final do ano conseguimos estudar um pouco as aulas presenciais.

No ano de 2022 passei para cursar o oitavo ano; começamos a estudar as aulas presenciais; conheci e fiz amizades com pessoas incríveis como Khiuane, Ana Duda, me aproximei de alguns colegas antigos, enfim, muito feliz pelas aulas ter voltado.

Já no ano de 2023 passei a cursar o nono ano; fiz algumas amizades novas, hoje tem o meu grupo, meus companheiros de classe, felizmente algumas amizades acabaram; aprendi e estou aprendendo muita coisa aqui, estou muito contente por estar encerrando o ensino fundamental no José Targino.

Minhas metas para o futuro é conseguir passar para IFRN, entrar na UFRN e futuramente passar para a força aérea brasileira. A escola é boa, tem ótimos funcionários e alguns professores bons, alguns alunos desagradáveis, mas isso faz parte, enfim aqui eu acabo meu texto sobre o meu ensino fundamental II.

Autora: Emily Vitória

RRPA 4:

Minha caminhada no Ensino Fundamental 2

No ano de 2020, iniciei meu ano letivo na Escola Municipal Doutor José Targino, localizada na Rua Professor Genar Bezerril, que fica próximo à Escola Municipal Grimaldi Ribeiro. Quando iniciamos o ano letivo, no sexto ano, passamos algumas semanas tendo aulas, mas, infelizmente veio a pandemia do Covid-19, onde todos foram obrigados a ficar em casa. E, conseqüentemente, tínhamos que estudar em casa tendo as aulas remotas. Tivemos que pegar as apostilas na escola e tínhamos o prazo para devolver essa apostila para que os professores pudessem corrigi-las. A pandemia nos pegou de surpresa e despreparados, foi muito ruim sem os professores perto de nós, presencialmente para tirar nossas dúvidas. Infelizmente, não me recordo dos assuntos que estudamos no sexto ano em língua portuguesa.

A partir do sétimo ano, em 2021, iniciamos mais um ano letivo, mas, desta vez um pouco diferente: iniciamos com aulas remotas através do "Google Meet". Foi um pouco desafiador lidar com aquilo tudo, muito nervosismo e muitas pessoas não participaram das aulas, pois não tinham internet em casa, não tinham acesso a aquilo. Em língua portuguesa, comecei a ter aulas com o professor Josenildo, porque até então no sexto ano minha professora de língua portuguesa foi Terezinha. A partir daí em diante começamos a estudar os assuntos propostos pelo professor. Começamos a estudar sobre: hiperônimo, hipônimo, sinônimo, antônimo, sentido conotativo e denotativo, relato reflexivo pessoal, também, a diferença entre viagem com "g" e viagem com "j", substantivo, adjetivo, pronome pessoal e estudamos mais sobre gêneros textuais.

No ano de 2022, iniciei o oitavo ano muito feliz, pois voltamos a estudar presencialmente. Finalmente, conheci alguns professores que não tinha conhecido ainda, muitas pessoas novas, novas experiências, novas dificuldades, mais um ciclo iniciado. Começamos a estudar na matéria de língua portuguesa

determinados assuntos, como: oração, frase nominal, verbo, locução verbal, período simples, período composto, período composto coordenado, período composto subordinado, retornamos o assunto do sentido conotativo e denotação, figuras de linguagem, metáfora, comparação metonímia, sinestesia; o uso dos pronomes demonstrativos, acentuação das oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, acentuação dos hiatos, verbos regulares, verbos irregulares, tipos de sujeitos e vozes do verbo.

Nesse ano de 2023, iniciei o 9º ano, minha última etapa do Ensino Fundamental 2, presencial, tivemos novos professores e uma nova diretora; tivemos uma nova matéria chamada "leitura e produção de texto". Começamos a estudar sobre: gêneros textuais, tópico frasal, variação linguística, foco narrativo, biografia, autobiografia tipos de predicados e pontuação.

Autor: José da Silva

RRPA 5:

Minha jornada: no José Targino!

Eu estudo na Escola Municipal de Primeiro Grau Dr. José Targino, atualmente no nono ano, e vou contar minha jornada até aqui.

O 6º ano foi o melhor ano onde eu conheci todos os meus amigos, amizades que tenho até hoje, os professores e os outros demais funcionários, apesar de não ter tido tanto tempo juntos, por causa da pandemia, eu aprendi muito, me esforcei demais.

No 7º ano, foi uma nova experiência, pois as aulas eram online, eu não gostava das aulas online por causa de sua origem: a pandemia (do Covid-19), uma doença que tirou a vida de muitas pessoas. No final do ano, nos meses antes do ano acabar, as aulas voltaram presencialmente e não foi totalmente, foram divididos em grupos, e eu não gostava, pois queria que todos estivessem juntos novamente.

As aulas voltaram 100% no 8º ano, mas tivemos que usar máscara e fazer distanciamento, foi bom voltar para a escola depois de tanto tempo sem ela, fiz novas amizades, me aproximei de pessoas que hoje em dia são muito importantes para mim; meu ano letivo não foi tão bom, pois tirava notas baixas em língua portuguesa, foi um ótimo ano, como no interclasse, apesar de termos perdido, nós tivemos muito e aproveitamos o resto do ano; agora estamos no 9º ano, concluindo o ensino fundamental, vai ser difícil me despedir dos professores, alunos e dos demais funcionários; foram quatro anos estudando nesta escola, apesar de não ser a melhor escola, mas eu tenho um carinho enorme por esta escola, cada momento e aprendizado ficarão guardados comigo para sempre.

Pretendo continuar estudando muito mais para o futuro e para o IFRN; eu tenho muitas metas, mas prefiro não falar, pretendo cursar medicina; avalio minha escola como ótima, limpa, organizada, bem pintada, excelentes profissionais, os professores ensinam muito bem e não desrespeitam nenhum aluno, são

profissionais que merecem respeito, os alunos são legais, os outros funcionários também merecem muito respeito por ser dedicarem o máximo todo dia.

Autora: Maria Eduarda Bento dos Santos

RRPA 6:

Complicado Ensino Fundamental 2

No sexto ano não aprendi muita coisa, até porque foi no tempo em que a pandemia chegou no Brasil. E isso atrapalhou muito os meus estudos naquele período que ocorreu no ano de 2020; os dias foram passando e foi tendo aula remota; eu sem saber, não acompanhei essas aulas, por isso me compliquei um pouco, mas eu ainda consegui pegar algumas atividades, que eu não sabia praticamente de nada, pois não tinha acompanhado. Nesse período, eu comecei a entender algumas coisas, em 2020 eu estudava na Escola Estadual Newton Braga de Faria, que fica no Alecrim, em Natal, todos passaram para o 7º ano.

Já no sétimo ano, eu comecei a estudar em um período também complicado; eu ia na escola pegar algumas provas para poder fazer em casa, pois no começo de 2021 ainda estava sem aula e em tempo da pandemia de COVID-19; só fiquei sabendo que estava havendo essas provas porque algumas pessoas vieram me avisar, porque senão eu tinha me complicado de novo. Eu comecei a estudar na Escola Municipal Francisca Ferreira. As aulas presenciais começaram no meio do ano de 2021, no mês de setembro e foi até o final ou no meio de fevereiro; eu conseguir passar para o 8º ano do Ensino Fundamental 2.

No 8º ano, eu caí na turma do 8º ano B, eu sempre estudei no turno vespertino, ou seja, à tarde. Nesse ano de 2022 as aulas presenciais começaram normalmente igual do 1º ao 5º, ou seja, ia ser o ano todo de aula normal. Era para eu ir para a escola todos os dias, mas quando foi em maio de 2022 no dia 17 de maio de 2022, eu acabei quebrando o tornozelo direito, isso foi um abalo para minha vida escolar, pois peguei 2 meses de atestado e foi mais um ano sem aulas, mas eu consegui me recuperar e conseguir recuperar minhas notas e passei para o 9º ano.

Meu 9º ano começou e agora já está quase acabando; 2023 está sendo o ano mais normal que eu vivenciei nesses 3 anos anteriores eu comecei o 9º ano em Natal, na Escola Municipal

Francisca Ferreira, mas vim morar com minha mãe na cidade de Pedro Velho-RN. Eu conheço a cidade melhor agora que eu estou estudando aqui no Targino, que aliás achei uma escola ótima. Vou terminar o ensino fundamental 2 aqui nessa escola muito boa.

Eu achei essa escola muito boa em alguns requisitos, mas em outros pode melhorar um pouco, mas, os professores são ótimos, o ensino é muito bom. Sobre as coisas que a escola pode melhorar um pouco são os banheiros com muitos vazamentos, e a quadra que mal é usada.

Autor: Kaio Costa de Lucena

RRPA 7:

Começo e fim de uma aprendizagem no Targino

No 6º ano, eu cheguei no colégio e conheci novos professores e alunos, mas essa experiência não durou muito por causa da chegada da pandemia, mas me lembra ainda de ter interagido com os professores e ter feito as atividades que eles passavam, mas por causa da pandemia os alunos tiveram que ficar um tempo sem rever colegas e professores, e para não prejudicar os alunos, começaram a passar apostilas para pegar no colégio e fazer em casa e depois entregar para a escola e depois que os alunos faziam as atividades os pais iam pegar o boletim para ver a nota do aluno.

O 7º ano já começou diferente, foi necessário que comessem as aulas online, onde alunos e professores podiam interagir um com outro; foi aí que os professores ensinaram e passavam atividades; algumas eram feitas pelo caderno e outras pelo celular através do aplicativo, eles mandavam um link para entrar na sala de aula online que era pelo Google Meet e por aí passam também vídeos para os alunos entender mais sobre o assunto retratado, mas, quase no finalzinho do ano voltaram as aulas presenciais, porém, ainda as pessoas não podiam interagir muito por causa do Covid-19 e eram obrigadas a usar máscara.

No 8º ano começaram as pessoas ainda usando máscara, mas, no decorrer dos meses os alunos pararam de usar máscara; esse ano os alunos fizeram atividades, trabalhos e provas a partir do que o professor passava; nesse ano conhecemos assuntos diferentes de acordo com cada bimestre que passava, tiveram alguns eventos que foram divertidos.

Já o 9º ano começou um ano normal e sem nada de inesperado. Com alguns novos alunos, com a mesma turma só mudou que uns foram pro 9º "B"; os alunos são legais e muito interativos uns com outros; a escola é boa, um local bom para interagir com as pessoas; os professores do 6º ao 9º anos sempre tentaram fazer o melhor jeito para nos ensinar, e são bons. Minhas

metas serão passar de ano e se tornar cada vez mais inteligente e uma boa aluna.

Autora: Carla Raissa

RRPA 8:

Minha Trajetória Estudantil: Entre 2020 a 2023

No ano de 2020, iniciei minha trajetória do Ensino Fundamental 2, na Escola Municipal de 1º Grau. Dr. Jose Targino, com colegas e professores novos; estava muito animada com o que iria vivenciar nestes 4 anos que iria estudar na escola, com muitas expectativas e muita felicidade, em apenas dois meses de convivência vivemos momentos inesquecíveis.

Fomos surpreendidos com a proliferação de um vírus pelo mundo, e com casos sendo confirmados em nossa cidade, tivemos que ficar 15 dias em casa, mas naquele ano não voltamos mais; para não nos prejudicarmos, a direção decidiu desenvolver apostilas com atividades e, toda semana nossos responsáveis iam deixar e pegar a nova apostila da semana, e, assim, finalizamos o 6º ano.

Em 2021, iniciamos o ano letivo de forma on-line, utilizando alguns aplicativos, como por exemplo o Google Meet, Google Classroom e WhatsApp com o nosso grupo escolar, foi uma iniciativa interessante, pois tivemos um contato com os colegas e os professores, e uma explicação mais didática, e difícil para os professores que tinham dificuldades com seus aparelhos telefônicos com o congestionamento de tantas mensagens; em meados do mês de outubro de 2021, iniciamos a aula presencial de uma maneira bem diferente, dividindo-se em dois grupos denominados por "A" e "B", um grupo vinha à escola e outro ficava com as atividades, e vice-versa, cheio de restrições, como as carteiras com um metro e meio de distância umas das outras, álcool espalhado pela escola, uso obrigatório de máscaras. E finalizamos o ano letivo dessa forma.

Para nossa felicidade, depois de quase dois anos sem convívio, voltamos a estar juntos novamente, no 8º ano; vivemos momentos inesquecíveis, e muitos conturbados também, escutamos sermões dos professores pelo nosso péssimo comportamento e desempenho, éramos considerados a melhor turma da escola no 7º ano; tivemos muitas mudanças de diretores

e professores; as brigas eram constantes na escola, era algo assustador; tivemos o interclasse, entre outros momentos, mesmo com esses acontecimentos foi um ano especial.

E o tão esperando e temido nono ano, chegou para nós, e está sendo o melhor ano, estamos tendo um ótimo desempenho nos bimestres, estamos vivendo momentos incríveis, com professores dedicados, tivemos a votação do líder e vice-líder, a comemoração do folclore, a educação física no Brasileirão, palestras com pessoas importantes para a história da escola. A escola ao todo nos proporcionou momentos maravilhosos, pessoas, amizades, e professores incríveis, iremos sentir saudades da escola.

Contudo, já tracei algumas metas e a mais importante é a minha aprovação no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), ser uma boa pessoa, me formar na profissão dos meus sonhos, ter uma estabilidade financeira e viajar o mundo.

Avalio minha escola como excelente, professores incríveis e muito dedicados; os alunos avalio como medianos, poucos se dedicam as aulas; funcionários eficientes trabalhadores, e competentes e merecem todo o respeito e reconhecimento.

Autora: Anna Leticia Ribeiro Lourenço

RRPA 9:

Meu Ensino Fundamental 2

Em 2020 comecei no Ensino Fundamental 2. Eu estudei na Escola Municipal de Ens. Fund. José Targino, que fica no lado da Escola Grimaldi Ribeiro, na Rua Genar Bezerril. No sexto ano foi um ano muito difícil, porque eu só estudei uns dois meses, pois teve a pandemia que pegou o Brasil de surpresa. Eu estudei online, mas eu tinha muita dificuldade para entender o conteúdo.

No sétimo ano foi um ano, também, muito difícil com a pandemia, mas estudei com as atividades que a minha mãe ia pegar lá na Escola José Targino.

No oitavo ano, estudei na Escola José Targino só uns dois meses, e fui para o Mato grosso e lá eu estudei na Escola Estadual Gervásio dos Santos Costas. A escola de lá é uma escola boa, como também os professores, a diretora, o vigia etc.

No nono ano, eu estudei novamente na Escola José Targino; na matéria de língua portuguesa, no primeiro bimestre, eu estudei variação linguística, estrangeirismo, preconceito linguístico etc. No segundo bimestre, eu estudei foco narrativo, predicado verbal, nominal e verbo-nominal etc. No terceiro bimestre, eu estudei uso de dois pontos, produção de jornal mural etc. No quarto bimestre, eu estou estudando uso dos porquês.

Minhas metas para o nono ano é passar para o ensino médio, terminar e fazer faculdade.

Avalio a escola como boa, mas tem que melhorar o banheiro, a merenda e a quadra que não podemos jogar na aula de educação física.

Os professores são ótimos.

Autor: Reynan Geraldo Palhano Pessoa

RRPA 10:

Uma jornada no José Targino

Neste relato vou começar no ano de 2020, quando eu fui para o 6º ano na Escola Municipal Dr. José Targino. Era tudo novo para mim, a escola, os professores, os colegas, mas eu estava bastante animado. Quando entrei na sala pela primeira vez. Logo dei de cara com velhos conhecidos e com muita gente nova também, mas logo fiz amizades. Foi um pouco difícil decorar o nome dos professores e me acostumar com a troca de horários, mas aos poucos fui entendendo. Até que um dia anunciaram a suspensão das aulas por causa de uma pandemia, foi bem chato ficar longe dos amigos e não poder ir para a escola. Depois a escola deu umas apostilas com atividades para os alunos fazerem e chegou a distribuir um kit com caderno, coleção, lápis e caneta.

Em 2021, no 7º ano, as aulas ainda não podiam ser presenciais, então tivemos aulas remotas através do Google Meet. Foi bem estranho ter as aulas assim, mas não ter o contato com os professores e colegas, e isso ficou até mais da metade do ano, até que anunciaram a volta das aulas presenciais; fiquei muito feliz e ansioso, fiquei imaginando como seria voltar pra escola depois de tanto tempo. Como não podia aglomeração num espaço fechado, a minha turma foi dividida em dois grupos: grupo A e grupo B, e assim em uma semana ia o grupo A e na outra ia o grupo B.

Em 2022, no 8º ano, foi onde aconteceram várias coisas comigo. Me tornei líder de turma, conheci pessoas que hoje são grandes amigos e pela primeira vez na vida fiquei de recuperação, e na matéria de Língua Portuguesa. O 8º ano foi um ano marcante para mim por causa das coisas que aprendi e das experiências que tive que passar. Fui para o Conselho Tutelar porque envolveram o meu nome em uma briga, no dia em que a minha vó faleceu eu tinha que ir para a escola porque era dia de prova entre outras coisas. Foi no 8º ano que eu aprendi que se eu ficar desleixado nos estudos eu posso me prejudicar, que amigos de verdade vão estar com você nos momentos difíceis, que a liderança é uma

responsabilidade muito grande e que nem sempre vamos agradar todo mundo, e que se você quiser separar uma briga, tome cuidado porque você pode acabar indo para o Conselho Tutelar.

Agora no 9º ano, eu quis fazer diferente do ano anterior, eu me dediquei mais a matéria de Língua Portuguesa, fiz todos os trabalhos, me esforcei para fazer as atividades, eu me SUPEREI. Esse ano foi bem mais tranquilo comparado ao ano anterior, fiz novas amizades, estou me saindo bem em todas as matérias, até queriam que eu me candidatar-se a líder de turma, mas eu não quis. Esse ano vai ser o meu último ano no José Targino, e com certeza eu vou sentir falta daqui, dos professores, de alguns colegas, de reclamar da merenda quando tiver ruim, entre outras coisas.

Eu estabeleço como metas, concluir o 9º ano com sucesso, fazer a prova do IFRN e se eu passar pretendo fazer em Canguaretama e no futuro fazer uma faculdade. Avalio os professores como bons profissionais, que se dedicam para passar seus conhecimentos aos alunos, incluindo o professor Josenildo, que admiro muito como profissional e como pessoa. Avalio meus colegas de turma como inteligentes e esforçados, sempre querendo ser os melhores.

Vou sentir muita saudade dessa escola, vou guardar os melhores momentos que passei aqui, fico muito feliz em ter feito parte do José Targino!

Autor: Asafe Cordeiro de Andrade

RRPA 11:

Ensino Fundamental II

Mas uma jornada está acabando!!

Me chamo Thainá Oliveira, tenho 15 anos, sou estudante do 9º ano "A" matutino, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. José Targino, localizada em Pedro Velho, Rio Grande do Norte, na Avenida Professor Genar Bezerril, próximo ao hospital da cidade.

Vou contar um pouco da minha trajetória estudantil, do 6º ano ao 9º ano. No início estava muito animada para que começassem as aulas, pois era uma nova fase para mim, em uma nova escola, com novos professores, novas pessoas, afinal era o tão sonhado 6º ano. E, finalmente, começaram as aulas no final de fevereiro de 2020, teve mais ou menos um mês de aula e teve que parar, porque infelizmente chegou a Covid-19 (Corona Vírus) no Rio Grande do Norte e já estava tendo muitos casos e até mortes. Foi aí que a governadora Fátima Bezerra mandou parar e ter um recesso de 15 dias, para que os alunos não corressem o risco de se contaminar e para ver se abaixava o número de casos. Mas, infelizmente não foi o que aconteceu, foi aumentando e aumentando e com esse aumento não teve como voltar as aulas presenciais. O que era para ser só um recesso de 15 dias, acabou sendo meses e meses. Mas, durante esse tempo, para que os alunos não ficassem sem estudar, a escola e os professores tiveram a ideia de fazer apostilas com atividades que valiam as notas dos bimestres, mas nem todos os alunos se dedicaram a esse modelo de estudos, mesmo assim continuou esse processo e, assim, foi todo o ano de 2020.

Já no 7º ano que foi no ano de 2021, mudou o modelo de estudo, já que muitos não se adaptaram ao outro. Não voltaram as aulas presenciais, pois o número de casos e mortes pela Covid-19 não baixaram. E com isso a Secretaria de Educação achou melhor as aulas serem remotas. Muitas aulas foram pelo Google Meet, outras foi pelo grupo de WhatsApp. Na minha opinião, eu preferi

e gostei mais desse modelo de estudo, a gente escutava as explicações dos professores, conseguia compreender mais os conteúdos passados, claro que em uma sala de aula era melhor, mas, infelizmente não podia. Mas mesmo as aulas sendo remotas, era uma alegria, conversamos com os colegas, com os professores, era bem melhor que as apostilas. Mas, no finalzinho do ano, em outubro, os casos baixaram e conseguimos voltar as aulas presenciais, com algumas restrições, mas voltamos. Usando máscaras, não tinha recreio, mas a energia e animação dos alunos eram a mesma.

No ano de 2022 foi o 8º ano, começamos o ano normalmente, com aulas presenciais, com os mesmos colegas e professores. Literalmente, tudo voltou para o seu devido lugar. Por conta do esforço de cada aluno, a turma continuou junta, mais uma vez. E rapidamente se passou mais um ano na vida de cada um.

E finalmente chegou o tão esperado e sonhado 9º ano, o ano em que se tem sua própria farda, que são os mais velhos da escola, os que estão encerrando mais um ciclo estudantil. É um motivo de muita alegria chegar até aqui, não foi fácil nem para mim e nem para ninguém, mas com força de vontade e coragem consegui. Este ano está sendo incrível, muito divertido e de bastante estudo. Estou aprendendo muitas coisas novas, que irei levar para a vida. Nesse ano, resolvi fazer diferente do ano anterior, foquei mais nos estudos e, principalmente, nas explicações dos professores que são muito importantes para poder compreender o assunto.

Estabeleço com algumas metas e objetivos, que vou me esforçar para que se torne realidade, pretendo fazer a prova do IFRN para o de Canguaretama e espero passar, também pretendo fazer outros cursos, até já entrei em um agora. E quero focar nos estudos cada vez mais, pois é por meio dos estudos que conseguimos algo nessa vida.

Tenho muito orgulho de fazer parte da Família José Targino, foi uma honra passar quatro anos estudando aqui, apesar de seus defeitos é uma ótima escola e com excelentes professores, que se

esforçam todo dia, para tentar passar seus conhecimentos para os estudantes e eles fazem muito além do que ser só professores, se tornaram grandes amigos. E, principalmente, o professor Josenildo, que tem uma paciência incomparável conosco. Avalio minha turma como boa, até somos considerados a melhor turma da escola, são alunos bons, esforçados, tem horas que entramos na bagunça sim, mas não deixamos de estudar. E é assim que termino o meu ciclo estudantil no José Targino, com muito orgulho e gratidão.

Autora: Thainá Oliveira

RRPA 12:

Minha caminhada no José Targino

Durante minha vida escolar, eu nunca tive necessidade de trocar para outro colégio, sempre estudei em minha antiga escola, mas no 6º ano precisei vir estudar no José Targino. Estava muito nervoso e com medo de não fazer nenhuma amizade, porém eu já conhecia alguns colegas, que já haviam estudado comigo, e isso facilitou a fazer novas amizades. Nessa época eu era um garoto muito fechado e não conversava com muita gente, a não ser com meu grupo de amigos, sempre fui bom aluno e não dava trabalho aos professores. No meio do ano, uma pandemia surgiu com a chegada do COVID-19, devido a isso tivemos nossas aulas paradas por um pequeno período, mas como a doença foi se espalhando mais e mais, as aulas tiveram que ser canceladas sem uma data para voltar, assim a escola começou a disponibilizar apostilas com atividades, com o objetivo de continuarmos estudando mesmo em casa, mas isso não era tão útil como ter aulas com os professores, assim no 7º ano começamos a aderir um novo tipo de aula.

Já no sétimo ano, começamos a ter aulas online, no início eram bem estranhas, pois eu não era acostumado com aquele formato de aula, mas com o decorrer do tempo fui me acostumando, foi um ano em que pude fazer diversos aprendizados, sei que nele houve momentos em que me distrai um pouco dos estudos e não me orgulho disso, mas nunca deixei de me dedicar e buscar sempre estudar ao máximo. Não gostava de ficar ligando microfone para ler textos, mas o professor sempre pedia, porém é preciso entender que no futuro iremos precisar perder a vergonha para ter sucesso em apresentações e muitas outras ocasiões. Nunca gostei muito das aulas online, mas entendo que foi preciso para que na volta à escola continuássemos com os assuntos certos sem ficarmos atrasados. No final deste ano voltamos, mas com as turmas separadas e sempre usando máscara, tomando todos os devidos cuidados.

No 8º ano, finalmente, voltamos a ter as aulas presenciais na escola e com a turma junta, mas eu não deixei de usar máscara pois sabia que ainda existia uma chance de pegar COVID. No primeiro dia de aula, estava muito ansioso e animado para rever meus amigos, colegas, professores, e assim voltamos a rotina normal. Neste ano pude obter um ótimo resultado, com ótimas notas e tendo bastante dedicação, pude me aproximar mais dos meus amigos e me divertir bastante. Neste ano, eu percebi o quão importante foi não termos parado de estudar na pandemia, ou teríamos ficado muito para trás e talvez fosse necessário revermos todos os assuntos; também, vi como é diferente frequentar a escola ao invés de ligar o celular ou computador e assistir as aulas.

No 9º e último ano frequentando essa escola, foi possível fazer novas amizades, aprendi muitos assuntos importantes e parei para ver quão longa e rápida foi a caminhada aqui nesta escola, 4 anos que passaram de forma tão rápida que nem vi o tempo passar; eu vejo como os assuntos que aprendemos no 6º ano são tão importantes quanto os do 9º ano, pois mesmo tendo estudado há tanto tempo, eles voltam de forma mais complexa no futuro e por isso é necessário sempre revisar conteúdos antigos, não importa que sejam muito antigos, vão ter uma utilidade no futuro. Alguns amigos e professores estão aqui desde o início dessa jornada e outros não, mas continuam presentes em nossa vida, esse último ano me fez refletir como aconteceram tantas coisas que já são do passado, mas não perderam sua importância.

Avalio a escola como mediana, tendo pontos bons e ruins ao mesmo tempo, é um lugar muito importante para mim que eu tenho muito carinho, porém não posso esquecer que ela também tem problemas a serem solucionados. Agradeço muito aos professores por sempre estarem buscando nos ensinar mais e mais, sei quão difícil é dar aula para nós, e mesmo assim nunca deixaram de trazer o melhor nas aulas, os outros funcionários da escola também merecem mérito por estarem sempre prestando um ótimo serviço. Tenho como metas: finalizar o ensino médio com ótimo desempenho, para isso tenho que buscar estudar mais

em casa; obter uma boa nota no ENEM e conseguir entrar para uma boa faculdade que espero ter certeza em breve de qual profissão seguir e nunca deixar de fazer o máximo que sou capaz.

Autor: João Pedro Félix Saraiva

RRPA 13:

O Fim de Uma Jornada

Ao finalizar o 5º Ano na Escola Municipal Deputado Grimalde Ribeiro, comecei minha jornada no Ensino Fundamental II na Escola Municipal Dr. José Targino. O 6º Ano foi uma fase completamente nova, com pessoas novas, agora com muitos professores de diferentes matérias e diferentes maneiras de ensinar. No primeiro dia de aula, eu era um aluno muito tímido e fechado, não tinha um grupo e nem amigos, apenas alguns rostos conhecidos, mas não eram pessoas que tinham um laço, até que um colega de classe me chamou para conversar com ele e um amigo dele sobre jogos; foi aí que fiz minhas primeiras amizades naquele novo ambiente, Nathan e João Pedro. Com o tempo comecei a perder a timidez e conhecer minha turma melhor, mas de repente uma doença chamada Covid-19 chegou ao Brasil e as aulas presenciais foram suspensas e começaram as remotas, com a entrega de apostilas semanalmente, continuei mantendo contato com o meus amigos pelas redes sociais que foram usadas para o benefício da educação futuramente pelas aulas online que a utilizaram para deixar mais parecido com o ambiente escolar pois conseguimos nos comunicar com os alunos e professores em tempo real, tornando uma experiência muito legal e inovadora, houve momentos bons e ruins, sem falar que eu não era interessado nos estudos e tinha dificuldades que não trabalhava para corrigi-las, estava mais preocupado em jogar e bagunçar do que estudar, Não lembro e nem tenho nada registrado daquela época, mas devido a pandemia do Covid-19, todos passaram de ano e as férias chegaram.

Com as férias terminadas, um novo ano letivo começou e desta vez no 7º Ano. Ainda com aulas online, estávamos mais acostumados com o tipo de ensino à distância e já era a meu "normal" e eu até gostava, mas de toda forma isso prejudicava minha visão pois todos os dias eu acordava e ia para frente do computador e isso me resultou em dores de cabeça, era engraçado

os professores usando a tela-verde, eles apareciam em praias, florestas, de baixo do mar, em mansões, etc. Os primeiros bimestres foram fáceis pois tínhamos acesso à internet e os testes e provas eram como atividades de pesquisas e por isso eu não aprendia muito e até que no 4º bimestre as aulas presenciais voltaram. Depois de quase 2 anos, finalmente poderei ver meus amigos e colegas de novo e voltar ao verdadeiro normal, claro que começaram com exigências como: o uso de máscaras, higienização nas mãos e separação de 1,5m por carteira. O último bimestre foi bom, com alguns professores diferentes, mas muito competentes, tinha dificuldade com alguns pela facilidade das aulas online, acabei relaxando muito e tirando notas ruins, mas consegui passar de ano devido as notas dos bimestres passados. No encerramento do ano que comecei o meu sonho de ser professor de matemática e novamente vieram as férias.

Com a fase das aulas online terem chegado ao fim e as presenciais voltarem, começou meu 8º ano. Ao iniciar outro ano letivo, eu fui colocado num curso de inglês para o meu aprimoramento na matéria, que começou em fevereiro e as aulas em abril. No começo não pude deixar de perceber novamente uma troca de professores e a chegada de alunos novos, como no ano passado, eu não estudava muito mas tinha uma noção que teria que me esforçar mais para passar de ano, com meu grande interesse na matéria de matemática e desprezo pela de língua portuguesa porque achava chata, complicada e por não saber fazer textos, tanto que nem fazia as atividades de produção de texto, em relação as amizades em sala de aula, fiz 2 amigos novos: Alexandre e João Vitor, que fizemos um grupinho, com a saída de Nathan (abandono) para outra escola, viramos um quarteto que conversava até demais. O que eu posso dizer do 8º ano é que aprendi muito em assunto e em mentalidade, passei direto em todas as matérias, quase ficando de recuperação em língua portuguesa, quando olhei para traz percebi que estava me tornando o tipo de aluno que eu criticava e resolvi que no próximo ano seria diferente, iria me esforçar mais e participar

mais. Com uma futura amizade que me incentivava nesse objetivo, prometi a mim mesmo que iria mudar e, finalmente, pude evoluir. Como todo o final de um ano escola... Férias!

Agora no 9º ano, último ano do fundamental II e o ano que eu considero o meu de "ouro". Com uma meta em mente, era só fazer funcionar e construir outras metas para o futuro. Em março, as aulas começaram, em uma sala recém-formada, onde lá foi dividida a turma do 9º entre A e B devido a quantidade de aluno; eu fiquei no 9º Ano A junto com meus amigos, a sala que ficamos era muito boa, com ventilação e piso novo, apenas o cheiro que não era um dos melhores, até que fomos transferidos para a antiga sala por um problema com os alunos da tarde e que de alguma forma, fomos afetados e tivemos que aceitar. Agora sentando nas carteiras da frente para prestar mais atenção as aulas, seguindo a inspiração da minha atual amiga Gesiane que por eu considerar estudiosa e esforçada, foi uma das principais pessoas que me fizeram ser um aluno melhor e eu realmente fui, me esforçando em todas as matérias, especialmente na de língua portuguesa, comecei a escrever mais e ler um pouco, assim uma das matérias que eu achava horrenda, virou uma das minhas matérias preferidas de se estudar, continuei meu interesse em matemática e graças ao curso, só tirava 10 em inglês, até ganhei um prêmio de melhor aluno da sala que não fiquei com os créditos todos, pois muitas pessoas me ajudaram e apoiaram, tanto que dividi o prêmio com as pessoas que me fizeram ter essa conquista.

Por esses motivos que chamo esse de "meu ano de ouro" porque tive uma grande evolução dos passados para esse. Gosto da minha turma e dos amigos que fiz nela, não guardo rancor de ninguém em específico e tento ajudar todos no que eu posso e tentar de alguma forma fazer o cargo de vice-líder ser bem usado. Para alguns ou muitos, sou chato e irritante, mas quem é que nunca foi criticado? Espero que esse último bimestre termine tranquilo e saudável pois acredito que a minha turma serão excelentes profissionais no futuro porque potencial eles têm.

Autor: Miguel Henrique dos Santos Silva

RRPA 14:

Minha Jornada do 6º ao 9º

Primeiramente olá, me chamo Ana Luz, nasci no dia 24/11/2008, em Cáceres-MT.

Atualmente, estou morando em Pedro Velho - RN, estudo na Escola Municipal Dr. José Targino. Este é o meu RRPA, onde nele falarei sobre minha experiência estudantil do 6º ao 9º ano.

Iniciei o 6º Ano, no ano de 2020, em Cáceres-MT, na Escola Estadual Desembargador Gabriel Pinto de Arruda, nome grande, né?

Meu 6º ano foi um ano confuso e cheio de diversos sentimentos, estava tudo tão normal até que de repente um vírus chamado Covid-19 simplesmente surge do nada e mata milhares e milhares de pessoas. Foi assim, literalmente um caos, né? Mas, ainda bem que esses tempos de angústia e muita tristeza passaram e agora nós podemos fazer nossas coisas sem se preocupar em pegar uma doença altamente contagiosa que pode nos levar a morte. Muita, muita e muita gente morreu por conta dessa doença, para você ter noção foram registrados mais de 629.806 mortes e 36.809.608 casos de Covid-19.

Mas tá bom, esse não é o foco desse RRPA, vamos deixar essas lembranças tristes para trás. Bom, por conta da pandemia, nós tivemos que parar de ir à escola para não contaminarmos essa doença que era altamente contagiosa, máscara e álcool em gel tiveram que ser nossos melhores amigos por um bom tempo, né? Com essa pandemia, tivemos que estudar e aprender tudo em casa, pra mim foi extremamente difícil acostumar-se com tudo isso, era muita coisa nova acontecendo. Confesso que eu não aprendi muita coisa não, era muito raro eu entender completamente algum assunto, mas com o tempo eu me acostumei e me adequei a esse tipo de situação, quando eu não entendia algum conteúdo eu tirava dúvidas com os professores via WhatsApp, às vezes eu procurava explicação na internet, alguma explicação no YouTube, e foi assim até o ano acabar.

Em 2021, comecei o 7º ano, as coisas mudaram minimamente. Continuamos estudando em casa, mas dessa vez por vídeo chamada no Google Meet e apostilas. Era muito melhor, podíamos ouvir a voz dos professores, ver seus rostos, os rostos dos nossos colegas que a um bom tempo não víamos, pude entender melhor os conteúdos. A pandemia ainda continuava, mas já não era tanto quanto ano passado (2020). No final do ano, acho que por volta de setembro ou outubro, voltamos a estudar presencialmente no MT. Fiquei muito feliz por finalmente poder ir à escola, rever meus colegas de turma, professores, ter a emoção de acordar cedo todas as manhãs para ir à escola. Claro, voltamos presencialmente, mas com todas as medidas de segurança para não contaminar ninguém e ninguém se contaminar. Alguns apoiaram a ideia de voltar às aulas presenciais, alguns não..., mas no final deu tudo certo. Terminamos o ano letivo bem e todos saudáveis.

Pra mim foi muito bom voltar às aulas, porém quando terminou o ano letivo fiquei muito triste pois no ano seguinte viajaria para outro estado.

2022, um ano triste e feliz pra mim.

Comecei meu 8º e Ano em Guarabira - PB, no Centro Educacional Osmar de Aquino, hoje em dia a escola mudou de nome, porém eu não faço a menor ideia de qual é. Não tive muitos amigos, aliás, eu tinha acabado de chegar em uma escola nova, cidade diferente, formas de falar diferente, pessoas diferentes, cultura diferente, tudo diferente, sabe? Esse começo de 2022 foi bem complicado para mim, eu não tinha muitas amizades, eu tinha 2 colegas de sala que conversavam comigo, mas eram apenas colegas, aliás, meus colegas tinham outros amigos, meus recreios eram sempre muitos chatos, sempre sozinha. Nesse começo de ano, eu fui uma pessoa extremamente tímida, eu tinha vergonha de falar em público, de apresentar um trabalho, de andar, de correr, de entregar o caderno pro professor corrigir, eu tinha vergonha de tudo. Aconteceram coisas chatas nessa escola, me senti muito feliz por sair de lá. Fiz o 1º e 2º bimestres em

Guarabira, porém ao terminar o 2º bimestre tive que mudar novamente de cidade, dessa vez em Pedro Velho-RN, na EMJT. Aqui foi totalmente diferente, no começo estranhei muito também, cheguei na escola como uma pessoa muito tímida e quase não falava com as pessoas, mas com o tempo fui me soltando e fazendo novas amizades. Aprendi muitas coisas novas.

E finalmente em 2023, 9º ano, último ano do ensino fundamental. Começamos a estudar diversos assuntos, onde na matéria de língua portuguesa vimos períodos, predicados, tópico frasal, gêneros textuais, variação linguística, autobiografia, pontuação, uso dos dois pontos, foco narrativo, colocação pronominal, estrangeirismo, intertextualidade e entre outros assuntos.

Minha principal meta é estudar muito para conseguir ser aprovada no IFRN.

Avalio a escola como muito boa, eu percebo que a escola está sempre evoluindo, fazendo e trazendo o de melhor pra nós, alunos.

Avalio o professor Josenildo como um excelente profissional da educação, uma pessoa incrível e muito inteligente, agradeço muito por ter tido a oportunidade de ser aluna desse professor incrível, obrigada.

Autora: Ana Luz Ribeiro Moraleco

RRPA 15:

Minhas experiências do Ensino Fundamental 2

No 6º ano, eu estudei na Escola José Targino, localizada na Rua Genar Bezerril, próxima a Escola Grimaldi Ribeiro, estudei no turno matutino, na turma B.

No começo, eu realmente adorei aprender coisas novas, ter e tirar dúvidas, interagir com a classe nova, foi muito bom.

Mas quando se passou mais ou menos uns 2 meses a pandemia chegou.

Além de exigirem o distanciamento, cancelaram as aulas presenciais; não foi nada fácil, muitos perderam seus familiares, foi um período muito sério. É foi aí que a escola começou a entregar as apostilas, assim para mim não foi fácil, pois sem a ajuda dos professores eu não sabia de alguns assuntos, mas graças a minha tia eu consegui fazer as apostilas. Devo dizer que para mim foi um ano de muito pouco de aprendizagem, é com isso surgiram muitas dúvidas, mas no final todos os alunos foram aprovados.

No 7º ano, não foi um ano muito bom, pois as aulas presenciais ainda estavam suspensas, por conta da pandemia, passando mais ou menos uns 2 anos, foi aí que surgiram as aulas remotas, assim pra mim não foi fácil, pois além de não ter acesso a internet eu morava distante, por isso para poder assistir as aulas remotas, eu tinha que sair de minha própria casa pra casa de minha avó; quantas vezes eu perdia por conta de transporte, é quantas vezes eu saía de baixo de chuva só para assistir as aulas.

Mas apesar de ter passado por dificuldades, não me arrependo, pois os estudos é algo que realmente tem que ser valorizado. Logo no finalzinho do ano de 2021, as aulas presenciais retornaram, foram poucos dos alunos que participaram, mas as exigências de álcool e máscara eram muito importantes, não foi muito ruim nem tão bom, mas graças a essas aulas eu consegui tirar minhas dúvidas.

Não demorou muito, acho que só uns 3 a 4 meses, no final todos fomos aprovados.

No 8º ano, eu me mudei para a Rua 7 de Março, continuei estudando na mesma escola. Devo dizer que foi um ano bom, pois foi um ano completo de aulas; a pandemia aos poucos estava acabando, apesar de a exigência de máscara ainda permanecer. Apesar de não ter estudado o 7º ano presencialmente, eu consegui acompanhar, passava horas estudando, retomando vários assuntos para poder acompanhar, logo no meiozinho do bimestre, fiquei com muita dificuldade em uma matéria, mas não desisti, procurei a professora para tirar minhas dúvidas e comecei a estudar mais a sua matéria. No final fui aprovada, fiquei muito feliz pois várias pessoas estavam andando sem máscara; a pandemia realmente estava acabando. Finalmente, 9º ano, permaneci na mesma escola, esse ano foi um dos meus melhores anos.

A pandemia já tinha chegado ao fim, várias pessoas já poderiam andar sem o uso da máscara. Neste ano, eu tive a melhor aprendizagem, apesar de eu ter passado este ano todo estudando, tanto na escola como em casa, tive ótimos resultados, sim, tive dúvidas, mas aos poucos consegui tirá-las, graças ao excelente ensino dos professores; também consegui superar todas as minhas dificuldades, com isso eu aprendi: que apesar de ter dificuldades, nada é impossível para quem se esforça. Aprendi a me apresentar em público e principalmente a escrever e ler bem.

Estabeleço como metas: que eu venha sempre pensar reto no futuro, que eu venha ganhar e tirar mais dúvidas; e sempre focar somente nos estudos e em meus objetivos. Com um tempo que eu venha conseguir a chance de entrar para uma universidade ou faculdade, e realizar meus sonhos.

Avalio minha escola como um excelente ensino.

E avaliando meu professor de Língua Portuguesa, devo dizer que sou muito grata, pois graças ao senhor que eu aprendi escrever melhor e ler mais, obrigada professor.

Autor(a): Emanuely Silva dos Santos

RRPA 16:

Uma Jornada!

Este é o meu RRPA, onde eu falarei sobre a minha experiência estudantil do 6º ano até o 9º ano. Desde o 6º ano que eu estudo aqui, Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. José Targino.

Meu 6º ano foi um pouco confuso para mim, pois era escola nova, professores novos, o assunto muito diferente, claro, mas com o passar do tempo fui me acostumando...

Meu 7º ano já foi bem melhor, pois já tinha feito amizades, já tinha pegado o costume das 5 aulas com professores diferentes e minha professora de português era Terezinha, aprendi muita coisa com ela também, não lembro de muitas coisas pois foi anos atrás, mas foi bom.

Já no meu 8º ano achei bastante difícil, até porque foi quando começou a pandemia, meu professor de português se tornou Josenildo que é até hoje, a gente teve que ter aulas online; sinceramente eu não participava das aulas por questão de preguiça mesmo, como nem todo mundo tinha celular acabou que começou entregar umas apostilas, comecei pegar, pois achava mais fácil, enfim, fui pro 9º ano. Observação: sempre estudei na parte da manhã.

2022 eu estava no 9º ano, começamos estudar os assuntos: tópico frasal, período simples e composto, gêneros textuais, variação linguística, a autobiografia e entre outros, acabei que me juntei com um grupinho que por causa disso acabei rodando de ano, mas tudo bem serve de aprendizado.

Minhas metas é conseguir passar de ano, por mais complicada que eu sou, me avalio uma pessoa boa, e, também, avalio o nosso professor Josenildo de português um professor incrível.

Autora: Vitória Lays

RRPA 17:

4 anos de história

Meu Ensino Fundamental começou em 2020, na Escola Municipal Professor Otto de Brito Guerra, em Natal, RN. Estava muito feliz, escola nova, sexto ano, pessoas novas, novo ciclo; estudei dois meses presencial até que chegou o covid-19 e as aulas passaram a ser virtuais, isso mexeu muito comigo, não consegui me concentrar nas aulas, minhas notas foram baixando e eu não conseguia fazer nada, pois não estava conseguindo focar, aprender os conteúdos, e acabei ficando com notas ruins e triste. Por isso, aquele momento foi um dos piores, eu achava que não ia passar de ano, que não tinha solução, que se eu desistisse seria a solução... Até que eu fui procurar ajuda conversando com uma professora, Somália, e ela me disse que, eu só seria alguém se estudasse e continuasse sonhando para conquistar meus objetivos, isso foi no fim do terceiro bimestre, depois da conversa resolvi seguir os conselhos e comecei a estudar, fazer as atividades, tirar as dúvidas em aulas, e minhas notas foram melhorando, fui entendendo os conteúdos, e passei de ano; o sexto ano, eu definiria uma palavra: Aprendizagem. Aprendi que sempre vão ter momentos difíceis, nunca será tarde para correr atrás e que desistir nunca será a solução.

2021, 7º Ano, 2 anos de coronavírus, voltam às aulas ainda remota/virtual, não tinha muita coisa diferente, os mesmos professores, alunos, amigos... Eu estava decidida que esse ano seria diferente, iria focar, estudar, aprender os conteúdo, tirar notas boas, e que não iria me permitir voltar a pensar como em 2020, e assim foi o ano todo, no final do terceiro bimestre as aulas estavam voltando aos poucos a ser presenciais, isso foi me deixando mais feliz, mais inspirada, com mais vontade de estudar, a sensação de estudar em uma escola nova, conhecer pessoas novas... Voltou e foi embora rápida estudamos um mês presencial e um mês virtual (indo uma semana e ficando em casa na outra). Nesse tempo meus amigos não ficaram na mesma

semana que eu, fiquei sem colegas e acabei ficando "sozinha" na escola; eu era uma pessoa muito apegada, cheia de amizade, isso desde o 1º ano ao 5º, e no final do sétimo ano não tinha mais eles comigo, tudo tem um começo e um fim e foi isso que aconteceu com minhas amizades. No fim, passei de ano, tirei notas ótimas, aprendi todos os conteúdos e aprendi muitas coisas com o sétimo ano 75% virtual e 25% presencial. Eu definiria o sétimo ano com uma frase: ciclos são necessários se fechar para outros se abrirem.

2022, 8º ano, tinha certeza de que seria meu ano melhor do ensino fundamental, o covid-19 já tinha acabado mais, as aulas estavam completamente presenciais, mas aí eu mudei de cidade, vim para Pedro Velho, RN. Comecei a estudar na Escola Municipal Dr. José Targino, não conhecia ninguém, na cidade, na escola, na minha rua, e foi mesmo que começar o sexto ano novamente, senti a mesma sensação e fiquei com "medo" de me aproximar das pessoas, fazer amizades para não me desconcentrar, fiquei sozinha (sem amigo), e foi isso que eu fiz, continuei focada, não quis me aproximar de ninguém evitava fazer trabalhos em grupos, sinto que os professores não gostavam, assim que eu chegava da escola já ia fazer as atividades, ajudava duas horas e meia todos os dias, cada dia estudava uma ou mais matérias: Segunda: Português e Matemática; terça: História, Geografia e Artes; quarta: Português, Ciências e Inglês; quinta: Matemática; sexta: Não estudava, só fazia as atividades.

Uma nova pessoa surgiu em mim no ano 2022, só que dessa vez inteligente, "solitária" (as pessoas dizem que uma pessoa solitária é aquela sem amigos e eu acho que é bem mais que isso); eu amei essa nova pessoa, me sentia muito bem, minhas notas foram muito boas. No final do terceiro bimestre, eu ouvi falar sobre o IFRN e comecei a estudar para passar na prova, acabei não fazendo, pois, minha inscrição não deu certo, fiquei triste, mas a prova é só para o 9º ano, então continuei estudando, passei de ano, não fiz amigos, mas fiz alguns colegas, me acostumei na escola, na cidade, fiz amizade fora da escola... Amei meu 2022 e meu oitavo ano não mudaria nada.

E, 2023, finalmente, o último ano do Ensino Fundamental II, e lá estou eu. comecei o ano letivo da mesma maneira do oitavo ano, só que dessa vez com um objetivo: Entrar no IFRN; tinha que estudar 3h30min por dia, 2 horas e 30 minutos escola e uma hora ao IFRN, isso me deixou mais cansada, mas consegui estudar às 3h30min normais, de repente resolvi se aproximar mais dos meus colegas que agora são amigos; no meio do ano precisa estudar para Proitec (curso preparatório do IFRN), Passei!!! Durante esse tempo (2º Bimestre) minhas notas acabaram ficando mais baixo do que eu esperava, pois eu tinha três objetivos, escola, IFRN e Proitec; comecei a me desconcentrar da escola, ficando com dúvidas nos assuntos, não conseguia dividir meu tempo, comecei a pensar que não ia passar, e comecei a perder para "controle", estou tentando voltar a focar como o ano passado, melhor minhas notas e entender os conteúdos sem ficar com dúvidas; vou acabar o 9º ano, do Ensino Fundamental com muitas e, ao mesmo tempo, com poucas histórias para contar, cada ano letivo foi uma fase da minha vida e eu não mudaria absolutamente NADA.

Esses quatro anos me ensinaram muitas coisas, não mudaria nada, cada ano foi um momento único; cada ano me ensinou diferentes coisas e foram essenciais para a pessoa que eu sou hoje. Tive metas concluídas e metas a serem concluídas, eu passei de ano, me tornei uma pessoa melhor, foquei nos estudos, hoje em dia eu amo estudar, meus objetivos aumentaram, quero passar no IFRN, aprender todos os conteúdos do 9º ano, levar comigo todas as amigadas do Ensino Fundamental e melhorar cada dia mais. Ano que vem espero está no IFRN, não irei desistir; nono ano, último ano eu deveria estar muito feliz, mas, não estou, pois, não vai ser fácil deixar as pessoas/amizades, professores que convivi durante esse tempo, mas a vida é feita de fase e precisamos deixar as coisas e começar outras. Sentirei muita falta de todos os meus professores e amigos do meu Ensino Fundamental. Obrigada!!

Autora: Gesiane Lima Linhares

RRPA 18:

Uma jornada escolar

O ano de 2020 foi um ano muito triste, porque quando nós estávamos nos conhecendo apareceu, está doença terrível – Covid 19, e por isso eu aprendi muito pouco. As aulas online para mim foram muito difíceis por causa da minha dificuldade de aprendizagem.

No ano de 2021 eu pensei que seria melhor, mas foi tudo ao contrário, muitas mortes e tristeza em todo o país. Eu esperava que tudo isto passasse, para a gente voltar as nossas atividades normais se isto fosse possível: voltaremos a ser normais, com essa tragédia que assolou todos os países do mundo. O meu objetivo é que voltamos a ser felizes e ser mais humildes com as pessoas.

No ano de 2021, eu aprendi que como faz falta estudar na escola com os professores e os colegas, mas ainda tenho várias dúvidas em quase tudo, porque com você sabe que tenho meu problema. Avalio essa experiência como uma oportunidade para eu aprender com os professores. Agora estabeleço como metas para 2022 que eu aprenda a ler, escrever bem e interpretar muitos textos.

No ano de 2022, eu estudei oxítone, paroxítone, proparoxítone, sílaba tônica, acentuação gráfica. Tenho muitas dificuldades em quase tudo, mas com fé em Deus, eu chego lá. Foi muito bom, mas eu quero aprender muito mais.

No ano 2023 eu aprendi muitas coisas para levar para a vida, com você e os outros professores que me ensinaram vários assuntos valiosos, mesmo com a minha dificuldade e minha timidez, apresentei trabalhos, pois eu tinha muita vergonha de apresentar por não saber ler muito bem.

A minha meta é que eu possa aprender muito mais neste ano que vem, e o que falar dos professores significa dizer que vocês são os heróis que não usam capa, e mais a sua dedicação faz o meu futuro melhor! E a cada funcionário que trabalha na escola: eles são muito bons. E aos meus colegas de sala, eles me ajudam

muito com as tarefas que não consigo copiar, eles mandam para mim, eles são nota 10.

Autora: Carla Vitória da Silva Medeiros

RRPA 19:

Mais um ciclo se encerra

Me chamo Marina Azevedo, tenho 15 anos, sou estudante do 9º Ano A matutino, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. José Targino, localizada em Pedro Velho - RN, na Avenida Professor Genar Bezerril, próximo ao hospital da cidade.

Vou fazer um breve relato sobre a minha caminhada estudantil, do sexto ao nono ano.

No começo foi um pouco difícil para mim, porque era uma nova rotina de estudos, não era mais só um professor, não eram os mesmos colegas, até tinha alguns, mas não todos. As aulas começaram no final de fevereiro de 2022, mas não durou muito tempo, tivemos um mês de aula e logo paramos por causa de uma pandemia causada pelo vírus da Covid-19 que estava afetando todos os países e já tinha chegado ao nosso estado, causando diversas mortes. Um recesso que era para ter durado 15 dias, infelizmente, durou meses. Começamos a estudar com um método diferente, através de apostilas passadas pelos professores e, assim, se prosseguiu até o final do ano.

No 7º Ano, estabelecemos um novo método de ensino. Já que as apostilas não deram muito certo e não seria possível a volta das aulas presenciais, os profissionais da educação resolveram iniciar as aulas remotas. Algumas dessas aulas aconteceram através do Google Meet e outras pelo grupo no WhatsApp. Aproximadamente no final do ano o número de casos havia decaído, e tudo finalmente estava voltando ao normal, com algumas restrições, como por exemplo, o uso da máscara, o distanciamento social e a divisão da turma em dois grupos para evitar aglomerações. E assim se passou mais um ano.

No 8º Ano, as aulas já eram presenciais novamente e dessa vez sem nenhum tipo de restrição, a turma estava reunida mais uma vez e com uma só missão, conseguir recuperar todo o conteúdo perdido durante a pandemia e, graças a persistência e a

força de vontade de cada um, conseguimos chegar no nosso objetivo. E assim foi o meu ano de 2022.

E, enfim, chegou o tão sonhado 9º ano, como passou rápido, parece que foi ontem que eu estava entrando por aquela porta muito nervosa e ansiosa para utilizar a caneta em minhas atividades, confesso que não foi fácil chegar até aqui, passamos por muitas dificuldades, cada um no seu próprio mundo e vivendo realidades totalmente diferentes, mas finalmente chegamos na reta final.

Estabeleço como metas me esforçar bastante para conseguir passar no IFRN, por mais que eu não tenha começado a me preparar mais cedo, sei que se eu me organizar e focar nos estudos irei conseguir chegar no meu objetivo. Confesso que na maioria das vezes não sou tão focada, mas nunca os deixei de lado e sempre procurei entregar o melhor de mim em todos os bimestres. Para mim é um verdadeiro orgulho fazer parte da Família José Targino e, assim como qualquer escola, ela também tem seus defeitos, mas não podemos esquecer dos excelentes profissionais que se esforçam todos os dias para nos oferecer um ensino de qualidade. Encerro esse ciclo trazendo comigo memórias, aprendizados e lições que irei levar para a vida toda. A todos os profissionais que me acompanharam e me orientaram durante esse percurso, meu muito obrigado e minha eterna gratidão.

Autora: Marina Ribeiro de Azevedo Costa

RRPA 20:

Minha experiência no Ensino Fundamental 2!

No ano de 2019, comecei a estudar na Escola Municipal Dr. José Targino, que se localiza próxima às Escolas Grimaldi Ribeiro e ao Dr. Pedro Velho; para mim foi algo totalmente diferente, pois era um novo ciclo e novos aprendizados, com pessoas totalmente diferentes, foram novos professores, novos ensinamentos, novas amizades, e até mesmo novas regras, mas foi uma experiência incrível, todos os dias eu tinha o prazer de me acordar bem cedo pra me arrumar e vir para a escola, todos os dias fazia amizades novas e até mesmo com alguns professores; meu professor de Língua Portuguesa era o professor Josenildo, ele sempre ensinou muito bem e sempre entendi todos os assuntos que ele explicava; eu ouvia vários elogios sobre ele, e realmente eram todos verdadeiros, sobre os assuntos que foram passados no 6º ano eu não me lembro e nem tenho mais nenhum assunto guardado.

Já no ano de 2020 que foi onde eu fiz o 7º ano, veio uma pandemia que se deu o nome de Covid-19, foi daí que a escola foi obrigada a nos afastar das aulas; no começo ficamos uns dias sem aula, logo depois a escola entrou em um consenso e decidiram nos mandar umas apostilas (atividades avaliativas, de cada matéria), fizeram isso para que nós não viéssemos perder o ano letivo de 2020. As apostilas tinham um prazo pra pegar e um prazo para deixar, era até bom, mas não era a mesma coisa, não tínhamos os professores frente a frente para tirar nossas dúvidas, não tínhamos mais a alegria da escola e de estar juntos com os colegas, e também não me lembro dos assuntos passados no 7º ano.

Em 2021, finalmente, tínhamos voltado a estudar presencialmente, porém não era a mesma coisa, pois voltamos a estudar presencial, mas foram estabelecidas várias regras, regras essas que mexiam com o psicológico de qualquer pessoa, pois tivemos que ir para a escola de máscara, não podíamos ter contato nenhum, não podíamos nem compartilhar canetinhas, tínhamos que tá passando álcool direto, foi algo realmente muito chato,

tinha pessoa que nem pra escola ia por conta dessas regras, que foram estabelecidas, eu mesma, passei dias sem ir, justamente por não ter me adaptado. No 8º ano estudamos sobre: orações, frase nominal, verbos, locução verbal, períodos (simples, composto, composto coordenado e composto subordinado) e entre outros assuntos que não me recordo.

E, finalmente tinha chegado o tão sonhado ano de 2022, o 9º ano ah! Ah! O 9º ano era o que eu mais temia, mas também foi uma das séries que eu mais queria que chegasse e, por fim, tinha chega. No começo foi tudo muito bom, conheci novos professores, novas pessoas, novos assuntos e cada um mais diferente; costume dizer que o 9º ano é uma pura ilusão, mas também é um grande choque de realidade, quando você finalmente chega no 9º ano, você ver que não é nada do jeito que você pensava que seria, os assuntos não são tão fáceis como você achava que seriam, a preocupação só aumenta, a paciência só diminuir, mas, mesmo assim temos que seguir e completar o ano letivo. No 9º ano estudamos os seguintes assuntos: gêneros textuais, tópico frasal, variação linguística, foco narrativo, biografias, tipos de predicado, vírgulas e entre outros.

E nesse ano de 2023, infelizmente estou fazendo o 9º ano novamente por descuido meu, pois no 9º ano do ano passado eu me desliguei bastante, só queria saber de bagunça e desfilar pela escola, e eu mal vinha pra escola; tanto que fiquei conhecida até como "Cecília, a turista da escola", pois eu vinha 3 dias na semana e depois não vinha mais, aí só vinha duas semanas depois e, assim ia, porém me arrependo bastante de ter agido assim, pois perdi um ano letivo cheio de experiências novas e novas aprendizagens, mas tentei e estou tentando recuperar esse ano, não da forma que eu achei que seria, mas ainda estou tentando melhorar a cada dia, e sobre os assuntos, foram os menos do ano passado e com mais conteúdos.

As minhas novas metas são as seguintes, melhorar a cada dia, focar mais, tentar fazer a prova do EJA, e que eu consiga passar de série; quero fazer o Ensino Médio e futuramente ingressar em

uma faculdade e fazer alguns cursos. Minha avaliação da escola José Targino é a seguinte: eu gosto daqui, gosto do ensino, gosto dos professores, e fiz muitas memórias aqui, memórias maravilhosas que envolvem pessoas incríveis que já passaram por aqui e que estão aqui, e só pra constar quero deixar um beijão pra minha parceira, nossa inspetora Mirian, você é um ser de luz, você é extremamente incrível, forte abraço, e sobre o prof. Josenildo, o cabrazinho inteligente viu, bom que só, gosto muito dele mesmo independente de tudo.

Autora: Cecília Lima

Assim, de modo geral, concebemos que a produção e a circulação do RRPA estão, necessariamente, atreladas

[...] a uma concepção de língua como atividade social de interação verbal entre dois ou mais interlocutores. Dessa forma, a língua é compreendida como um 'sistema-em-função, portanto, vinculado às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização (Siqueira, 2024, p. 91).

Essa pequena amostra nos aponta indícios de que o trabalho em torno da díade textual-discursivo pode ser realizado concretamente no ambiente escolar e que há diversas formas de se pôr em prática esse fazer.

Algumas Conclusões

Significar é a essência da língua(gem). Esse é o postulado que nos guiou durante todas as vezes que realizamos, em sala de aula, atividades de produção de texto em torno do Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA). Temos entendido, à luz da abordagem de língua(gem) como uma prática interacionista, que a atividade em torno da produção do Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) é uma valiosa forma de contribuir linguística e discursivamente para a formação de leitores e escritores que reconhecem tanto a leitura quanto a escrita como práticas sociais.

Além disso, entendemos que a produção, a circulação e a recepção de RRPA são e funcionam como um pano de fundo para a formação de leitores e de escritores de modo geral. Dominar a língua escrita é poder participar e interagir ativamente das várias esferas comunicativas inerentes à vivência humana. A reflexão aqui empreendida leva-nos a entender que a escrita ocupou, e ainda ocupa, um papel central nas situações de comunicação que empreendemos no nosso dia a dia.

A partir dessa discussão, fica evidente o papel da escola como uma agência de letramento escolar. Sabemos que há muitas dificuldades a serem solucionadas, especialmente na escola pública, quando pensamos nas questões relacionadas às práticas de leitura e de escrita. Há questões que histórica e culturalmente estão pairando sobre a Educação Brasileira, principalmente, àquela vinculada com abordagem que se faz nos setores mais pobres do país.

Acreditamos que é impossível pensar na real socialização e democratização do ensino brasileiro sem considerar as questões sociais: leitura e escrita não têm o mesmo valor nos mais diversos segmentos da nossa sociedade atual, sobretudo porque “[...] não

estaria apontando que as letras se distribuem diferentemente entre letrados porque o acesso a informações e a outros bens anda de mãos juntas com o acesso à escrita?” (Geraldi, 1996, p. 106).

Pensar na escrita, principalmente em sociedades urbanizadas e industrializadas, é também refletir sobre os modelos de códigos linguísticos ou de sistemas de significação nelas existentes. Desse modo, discutimos sobre a escrita tomando a atividade textual em volta do Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) é, também, refletir sobre o papel social das atividades de leitura e de escrita no ambiente escolar. Neste sentido, retomamos Coulmas (2014), quando adverte que as competências de ler e de escrever são centrais para a interação nos mais diversos segmentos da estrutura social e das práticas culturais. Assim, a leitura e a escrita devem ser concebidas como atividades cognitivas e interacionais.

Desde o seu surgimento, o homem vem testemunhando o uso da escrita como fonte instrumental e simbólica do seu agir nas sociedades. Aqui, olhamos para uma prática de ensino-aprendizagem que pode, no contexto geral, servir de parâmetro para compreender as diversas nuances de sentido que há, tanto nos usos sociais da leitura quanto da escrita. Em vista disso, considerando que a leitura e a escrita exercem função central e precisam ser (re)descobertas pelos nossos alunos, acreditamos que a produção de Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem pode ser uma pequena luz lançada nesse infinito túnel da vida, evidenciando a importância do significado social da escrita e da leitura e de suas funções nas esferas públicas.

Assim, de modo geral, assumimos o que propõem Diedrich (2024) que observa que o papel da interação nas mais diversas práticas de estruturação da língua(gem) e da ação recíproca dos participantes que os sujeitos realizam na ação verbal. Em vista disso, reafirmamos que a produção de Relato Reflexivo de Pessoal de Aprendizagem (RRPA) pode ser vista – e deve ser reconhecida – como uma espécie de pano de fundo, que permite compreender a extensão do alcance e do poder que o desenvolvimento das práticas de leitura e de escrita podem desencadear nas atuais sociedades.

Por fim, acreditamos que ler e escrever devem ser práticas que formam um nicho central no fazer pedagógico de qualquer professor que esteja comprometido com o desenvolvimento social, econômico, cognitivo etc. de todos dos cidadãos de um país sério e empenhado com o bem-estar destes. Dessa forma, a produção de Relato Reflexivo de Pessoal de Aprendizagem é uma minúscula fagulha no grande palheiro da vida.

Posfácio

Josenildo Barbosa Freire decidiu dedicar sua carreira a instituições públicas, uma escolha que evidencia seu apreço pelo valor e potencial do ensino público, do qual é um defensor. Ele é graduado em Letras pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba, e possui Mestrado e Doutorado em Linguística pela UFPB - Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, Josenildo leciona Língua Portuguesa nas Redes Municipal e Estadual do Rio Grande do Norte, totalizando uma vasta experiência de 25 anos dedicados ensino em escolas públicas. Sua pesquisa acadêmica foca na análise do uso da linguagem em contextos sociais, alicerçada nos fundamentos da Teoria da Variação Linguística.

O livro intitulado "Práticas escolares de leitura e de escrita: O Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)", elaborado pelo professor Josenildo Barbosa Freire, é estruturado em cinco capítulos que atuam como ferramentas para o ensino e a aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. Esses capítulos são fundamentais para o aprimoramento das competências e habilidades de leitura e escrita, conforme estipulado pela BNCC (Brasil, 2018). Seu principal objetivo é fomentar as práticas sociais de leitura e escrita no ambiente escolar. Ademais, o livro possibilita o trabalho com os eixos de leitura, de produção textual e de análise linguística de uma maneira pedagógica. Desta maneira percebemos que Freire na obra acima citada dialoga com o posicionamento de:

Assim, o papel da escola é colaborar com os discentes, proporcionando-lhes uma educação de qualidade que beneficie a todos de forma igualitária. Considera-se que, mediante a perspectiva social atual, a escola, como instituição, é responsável por proporcionar essa educação de qualidade, apesar dos

problemas sociais, culturais e estruturais. Tais situações comprometem diretamente os estudantes, que na maioria vezes são rotulados como os únicos responsáveis pelo seu fracasso no contexto escolar. (Barros 2024;16).

Essa situação nos causa preocupação e gera uma grande angústia, acreditamos que essa dificuldade é um dos fatores que impede nossos alunos de se engajarem no universo da leitura, desenvolvendo as habilidades e as competências para ler e compreender o que leem.

Portanto, temos a convicção de que a leitura é uma ferramenta fundamental para ampliar a compreensão e a percepção de mundo no contexto dos alunos, possibilitando que eles aprofundem suas experiências, conhecimentos e, conseqüentemente, atuem na sociedade como cidadãos críticos, opinando com sabedoria e coerência sobre as mais diversas situações.

O Professor Josenildo Barbosa Freire tem se destacado em sua trajetória profissional com um trabalho exitoso voltado para o ensino fundamental anos finais na perspectiva do letramento, denominado Relato Reflexivo de Pessoal de Aprendizagem (RRPA), um recurso textual e discursivo, possibilitando a leitura e a escrita como processos de construção de significados.

Observamos que o principal objetivo do professor na proposta desta atividade não é avaliar as regras gramaticais da língua, embora essas sejam relevantes. O foco central está no protagonismo do aluno/autor como a figura mais importante da sua própria história, levando em consideração seu conhecimento de mundo. Assim, conforme sugere o (RRPA), busca-se que o estudante reflita verdadeiramente sobre sua trajetória pessoal de aprendizagem até o momento: como desenvolveu seu conhecimento, a importância da escola em seu processo e os próximos passos rumo a uma aprendizagem de leitura e de escrita que vá além do mecânico, abrangendo a riqueza da linguagem sociodiscursiva. Percebemos que o trabalho do professor Josenildo dialoga com (Koch e Elias 2008) quando:

Na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores (Koch; Elias, 2008, p. 10-11).

De acordo com as autoras, sob a perspectiva interacionista, o leitor tem um papel crucial no processo de leitura. Para que se estabeleça o significado, é fundamental que o leitor mobilize seus conhecimentos anteriores e estabeleça conexões com as informações contidas no texto.

A abordagem do professor Josenildo, por meio da (RRPA), está alinhada em parte com a visão de Koch e Elias (2008) no que se refere a atores/construtores e à interação, sempre com o foco na aprendizagem, no contexto social dos alunos e na aplicação social da leitura e da escrita. Observamos que o objetivo principal deste trabalho realizado pelo professor é fazer com que os alunos, ou pelo menos uma parte deles, compreendam a verdadeira importância do aprendizado e do conhecimento para a vida, enquanto cidadãos.

O professor dedica-se com muito empenho e profissionalismo, buscando mostrar aos alunos os caminhos necessários para que eles desenvolvam as habilidades e competências de leitura e escrita exigidas ao final dos anos finais do Ensino Fundamental. Tanto a escola como instituição quanto o professor Josenildo Barbosa têm disponibilizado diversas estratégias que possibilitam a aprendizagem. No entanto, muitos alunos, embora não possamos generalizar, enfrentam barreiras que não iremos explorar em profundidade, pois estão ligadas a questões sociais, culturais e, atualmente, tecnológicas, que têm dificultado essa aprendizagem e, principalmente, a reflexão sobre a aprendizagem de leitura e de escrita, tornando-a insatisfatória.

Portanto, iniciativas como a mencionada anteriormente, o Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA), ministrada pelo professor, merecem ser valorizadas. Barbosa como

pesquisador e defensor, da Educação Pública no Brasil, acredita que, em tempos de tanta instabilidade, isso só será possível se os profissionais da educação e a escola, como a principal instituição, estiverem comprometidos em formar cidadãos atuantes e competentes na sociedade em que vivemos.

Andréa Regina Bezerril Barros
Professora Mestra (Profletras – UFPB)

Referências

BARROS, Andréa Regina Bezerril. **O uso de estratégias de leitura com o gênero notícia: Uma experiência no 9º Ano do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado (Profissional em Letras – PROFLETRAS), Mamanguape, UFPB, 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 nov. 2016

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

Referências

- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, I. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAGNO, M. **Uma história da linguística.** São Paulo: Parábola, 2023.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal.* Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979]. p. 260-281.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais.** São Paulo: Parábola, 2017.
- BORTONE, M. E.; MARTINS, C., R. B. **A construção da leitura e da escrita: do 6º ao 9º do Ensino Fundamental.** 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 nov. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 17 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf. Acesso em: 17 set. 2019.

CAFIERO, D. **Leitura como processo**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/PNAIC%202017%202018/LEITURA-PROCESSO-prof.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

CAVALCANTE, M. M.; SOARES, M. S. Sobre gêneros e ensino de texto. *In*: NEVES, H.; LIMA, A. **A vida no texto**: homenagem a Irandé Antunes. São Paulo: Parábola Editorial, 2024. p. 79-84.

COULMAS, F. **Escrita e Sociedade**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. (Coleção Tópicos em Linguagem). Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIEDRICH, M. S. Linguística da Conversação. *In*: OTHERO, G. de Á.; FLORES, V. do N. (Orgs.). **A Linguística hoje**: historicidade e generalidade. São Paulo: Contexto, 2014. p. 33-46.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3ª edição. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 81-108.

EWERTON, L.; LIMA, H.; CATANHO, M. C. Ensino e avaliação de redações em vestibulares e exames. *In*: NEVES, H.; LIMA, A. **A**

vida no texto: homenagem a Irandé Antunes. São Paulo: Parábola Editorial, 2024. p. 29-38.

FREIRE, J. B. **O jornal escolar como prática de leitura e de escrita:** relato de uma experiência de ensino-aprendizagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

FREIRE, J. B. **Questões de Leitura e de Escrita:** Aspectos Introdutórios. João Pessoa: Ideia, 2019.

GERALDI, J. W. **Linguagem e Ensino:** Exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In:* KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. p. 15-61.

KLEIMAN, A. **Preciso ensinar o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? São Paulo: REVER – Produção Editorial, 2005.

KOCH, I. G. V. **A Inter-ação pela linguagem.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LUNA, E. *et al.* Ensino e a avaliação de redações em vestibulares e exames. *In:* NEVES, H.; LIMA, A. **A vida no texto:** homenagem a Irandé Antunes. São Paulo: Parábola Editorial, 2024. p. 29-38.

MARTINS, M. H. **O que é Leitura?** Editora Brasiliense: São Paulo, 1982.

PAIVA, V. L. M. O. Gêneros da linguagem na perspectiva da complexidade. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 19, n. 1, p. 67-85, jan. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3RQ7rci>. Acesso em: 18 out. 2023.

SCHNEUWLY, B. *et al.* (Org). **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3ª ed. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

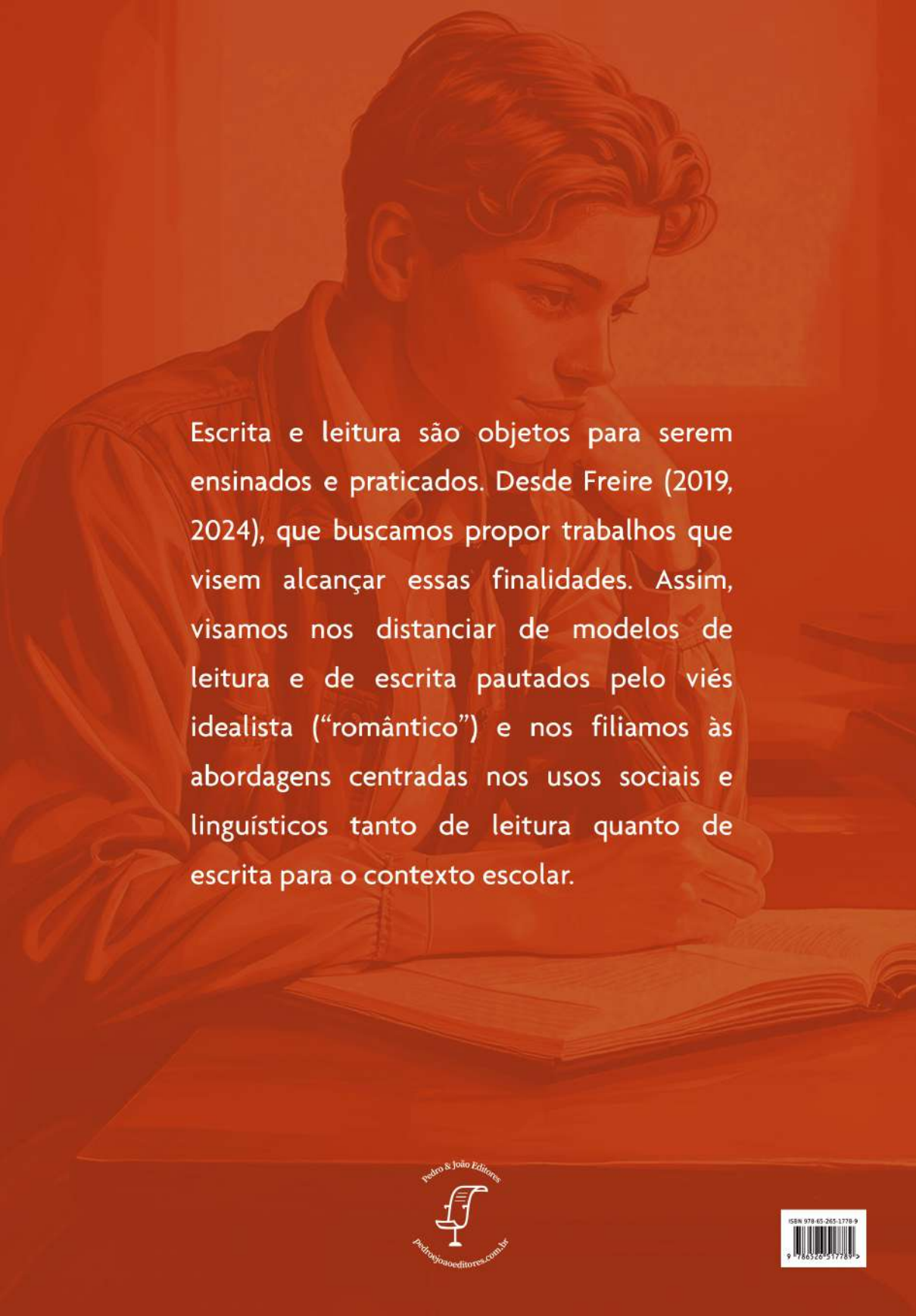
SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

SIQUEIRA, E. B. S. de. Letramento literário como direito humano inalienável. *In*: NEVES, H.; LIMA, A. **A vida no texto:** homenagem a Irandé Antunes. São Paulo: Parábola Editorial, 2024. p. 89-97.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Sobre o autor

Josenildo Barbosa Freire é graduado em Letras/Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Guarabira/PB) desde 2004. Especialista em Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) desde 2006. Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desde 2011. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desde 2016. Atualmente é colaborador do Grupo de Estudos Contato Linguístico (UFPB/Capes). Professor de Língua Portuguesa da rede pública municipal e estadual de Educação (Pedro Velho – RN) de ensino na Educação Básica desde 1999. Sua pesquisa acadêmica centra-se na perspectiva do uso da língua em contextos sociais, tanto na modalidade falada da língua quanto na modalidade escrita, a partir dos pressupostos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1963; 1966; 1972). Também tem interesse pela relação leitura-escrita aplicada ao ensino.
E-mail: professorjosenildo.bfreire@gmail.com



Escrita e leitura são objetos para serem ensinados e praticados. Desde Freire (2019, 2024), que buscamos propor trabalhos que visem alcançar essas finalidades. Assim, visamos nos distanciar de modelos de leitura e de escrita pautados pelo viés idealista (“romântico”) e nos filiamos às abordagens centradas nos usos sociais e linguísticos tanto de leitura quanto de escrita para o contexto escolar.